



UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR

Felipe Marques da Silva
Volmir José Brutscher
Lucilea Teixeira Lins
Pedro José Santos Carneiro Cruz
Andréia Soares de Araújo
(Organizadoras e Organizadores)

UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR

Uma Produção do

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO
POPULAR E VIII SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO POPULAR E
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Felipe Marques da Silva
Volmir José Brutscher
Luciclea Teixeira Lins
Pedro José Santos Carneiro Cruz
Andréia Soares de Araújo
(Organizadoras e Organizadores)

UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR

Editora do CCTA/UEPB
João Pessoa
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITOR
VALDINEY VELOSO GOUVEIA
VICE-REITORA
LIANA FILGUEIRA CAVALCANTE



DIRETOR DO CCTA
ULISSES CARVALHO DA SILVA
VICE-DIRETOR
FABIANA CARDOSO SIQUEIRA



CONSELHO EDITORIAL
CARLOS JOSÉ CARTAXO
MAGNO ALEXON BEZERRA SEABRA
JOSÉ FRANCISCO DE MELO NETO
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
MARCÍLIO FAGNER ONOFRE

EDITOR
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
PAULO VIEIRA

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
COORDENADOR
PEDRO NUNES FILHO

Apoio



PPGSC
UFPB



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

NUPLAR

UNIDADE INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO
EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS UFPB/AR



Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

U58 Universidade e educação popular [recurso eletrônico] /
Organização: Felipe Marques da Silva ... [et al.].
- João Pessoa: Editora do CCTA, 2024.

Recurso digital (1,30 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-437-5

1. Educação popular. 3. Universidade - Ensino e
extensão. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Silva, Felipe
Marques da.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 37.018.5

Elaborada por: Susiquine R. Silva - CRB 15/653

O Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR) está vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Economia Solidária e Educação Popular (NUPLAR) da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O EXTELAR integra também a Linha de Pesquisa de Educação Popular do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e compõe o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC), ambos da UFPB.

O Seminário Internacional contou com apoio de apoio de: NUPLAR/UFPB, PPGE, UPE/UFPB, PPGSC/UFPB e CÁTEDRA UNESCO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/UFPB.

GRUPO DE PESQUISA EM EXTENSÃO POPULAR (EXTELAR)

LÍDER

Pedro José Santos Carneiro Cruz

VICE-LÍDERES

Andrea Alice da Cunha Faria

Danilo Fernandes Costa

Fernando A. Abath L. C. Cananéa

José Francisco de Melo Neto

Lucicléa Teixeira Lins

Volmir José Brutscher

PESQUISADORES E PESQUISADORAS

Ailza de Freitas Oliveira

Ane Flávia de Souza Rodrigues

Bruna Grasielle da Silva Nascimento

Bruno Oliveira de Botelho

Celâny Teixeira de Mélo

Klebson Felismino Bernardo

Leila Bezerra de Araújo

Lupércia Jeane Soares

ESTUDANTES

Ana Paula Maia Espíndola Rodrigues

Heloisa Marinho Cunha

Ione Gomes da Silva

Iris de Souza Abilio

José Ledy Carvalho Santos

Renan Soares de Araújo

DIAGRAMAÇÃO DO LIVRO E CAPA

Amanda Pontes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Universidade e Educação Popular.....11

Lucicléa Teixeira Lins

Volmir José Brutscher

Educação Popular e Universidade: uma breve aproximação a suas conexões, possibilidades e limites.....17

Maria Teresa Esteban

A Educação Popular na Universidade: Conquistas e Desafios.....34

Alder Júlio Ferreira Calado

Horizontes para a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos: aprendendo com a memória de Canudos.....44

Luiz Gonzaga Gonçalves

Horizontes para a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos: territórios de possibilidades.....50

Luiz Gomes da Silva Filho

A Transformance do Bem Viver: Performances para transformar o fim do mundo.....58

Dan Baron

SOBRE OS ORGANIZADORES E A ORGANIZADORA.....	94
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES.....	96
ANEXOS.....	98

APRESENTAÇÃO: UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR

*Lucicléa Teixeira Lins
Volmir José Brutscher*

Com o intuito de oportunizar espaços de debates acerca da Educação Popular em suas diferentes interfaces que nos dias 17 e 18 de novembro de 2021 (dois mil e vinte e um), foi realizado o *Seminário Internacional Universidade e Educação Popular* e o *VIII Seminário de Educação Popular e Construção do Conhecimento*.

O Seminário teve por objetivo compartilhar um espaço público e ampliado de debate sobre os atuais desafios, bem como sobre possíveis perspectivas e horizontes para a Universidade na atualidade, sobretudo a partir da visão teórica e metodológica da Educação Popular:

O evento foi Promovido pelo Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR), em parceria com a Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, e teve como intencionalidade conectar o momento atual com os debates e as reflexões empreendidas há 27 anos, durante o Seminário Internacional Educação Popular e Universidade, promovido na Universidade Federal da Paraíba no ano de 1994.

Foi um momento de reencontro por parte de uns, mesmo que virtual, e de encontro por parte de outros, fusão das memórias coletivas (HALBWACHS, 1990), mas sobretudo, foi um momento de partilha de conhecimentos, aprendizados e de acolhimento em um período de tantas incertezas que estávamos passando por causa da pandemia do Covid-19.

Ao pensar em como promover um evento totalmente remoto, pois, naquele momento era o possível a ser feito, sabíamos que talvez não pudéssemos contar com a presença de algumas pessoas, seja pelas dificuldades de uso e manuseio das novas tecnologias, seja pelas pessoas terem sido, de alguma forma, acometidas pela pandemia. O

uso das tecnologias nesse momento de atividades remotas, aulas, lives, podcast, seminários, foi a chave para continuar funcionando. As ferramentas mais utilizadas foram, além do já usual WhatsApp, a Plataforma Zoom, o Google Meet o YouTube, entre outros. Utilizando-se dessas ferramentas conseguimos não só realizar o seminário, mas promover a interlocução entre os participantes e debater avidamente acerca da temática do seminário e receber feedback por parte dos participantes do evento.

Mesmo diante do desafio de promover um evento em meio a pandemia, a experiência e reflexões obtidas foram enriquecedoras. A partir da temática *Universidade e Educação Popular*, discutiu-se dificuldades, anseios e limites, mas também as possibilidades, desejos e importância dessa ação educativa que constantemente é desafiada a se superar, se reinventar.

Em relação às dificuldades, foi observado que a educação popular ainda se encontra em processo contra-hegemônico, principalmente nas universidades; a hegemonia consiste, ainda, na lógica (neo)desenvolvimentista, que, no Século XXI, acabou permitindo a inclusão de estudantes das classes populares nas Universidades, mas muito mais na perspectiva da mitigação do que realmente por conta da transformação (como referiu a Professora Conceição Paludo, em sua exposição no Seminário); a Universidade Popular se encontra em movimento, mas, infelizmente, está bem mais lento e cheio de contradições do que gostariam seus defensores; o momento político brasileiro, com o Governo Bolsonaro, não favoreceu às políticas públicas sociais universais e também não à educação e universidade pública.

Em relação às possibilidades, observou-se que a educação é um campo de disputa na sociedade e, particularmente, na universidade, apesar do Estado Democrático de Direito ainda fortemente influenciado pelo mercado, as classes populares organizadas estão conseguindo avanços; a persistência, na sociedade neoliberal, da desigualdade abismal, com níveis de pobreza e miséria inadmissíveis, impulsiona

a busca de um mundo novo, do inédito viável (FREIRE, 2003), praticamente como um dever ético; a existência de experiências locais contra-hegemônicas com viabilidade e perspectiva; a esperança de mudança da conjuntura política, no Brasil, no próximo período eleitoral. Todas essas possibilidades funcionam como combustível para a resistência à lógica predatória que reduz tudo a mercadoria e para a invenção da reexistência.

A Educação Popular norteou as discussões enquanto concepção e práticas que surgem e se desenvolvem em contextos de resistência à opressão, logo, assume a dimensão política da educação e toma o lado das classes populares, com o objetivo de transformar as estruturas e as relações de poder, a partir do protagonismo do(a)s próprio(a)s oprimido(a)s, partindo da realidade, saberes, organização e luta desses pela resolução de demandas ou conquista de direitos. A questão central e transversal do seminário foi refletir sobre as possibilidades e os caminhos da Universidade para se agregar, cada vez mais, a causa popular, sustentável e de cooperação, potencializando a Educação Popular.

Nas reflexões realizadas, tivemos participação de várias pessoas do Brasil e de outros países, das universidades e dos setores populares. Muitas são referências na área da Educação Popular e abrilhantaram o evento com suas contribuições, como convidados (painelistas) ou como participantes. Alguns dos convidados conseguiram deixar a sua mensagem por escrito, como a Prof^a Maria Teresa Esteban, que participou da mesa Educação Popular na Universidade: um olhar para as conquistas e para os atuais desafios na contemporaneidade, que discorreu acerca da relação entre a educação popular e a universidade, apresentando as contradições e limites, mas também as aproximações, conexões e transformações, no sentido de confrontar a subalternização e a colonialidade e contribuir com a humanização, assumindo a diferença não como carência, mas como intensidade e “os processos pedagógicos como espaços-tempos de teoria em movimento” (como aponta a Professora Maria Tereza Esteban, em seu texto).

No mesmo painel, o Prof. Alder Júlio Ferreira Calado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tratando da relação educação popular e universidade, destacou que é “prudente não superestimar o lugar da Educação Popular e da Extensão Popular no campo das relações universitárias”, pois, embora sejam vastas as experiências nesse campo, ainda são muitos os desafios a superar. Contudo, o professor apresenta várias experiências exitosas no plano da educação popular e da extensão popular no interior das universidades que vale a pena conhecer. Defende uma inovação curricular nas universidades em que a preocupação seja menos com as formas (lógica e gramática) e mais com a finalidade (modo de produção e consumo). Conclui a sua participação afirmando:

que a ênfase seja dada não tanto ao “bem-pensar” (a lógica), não tanto ao bem-escrever (gramática), não tanto ao discurso-rebuscado (a retórica), mas a enfatizar-se a Práxis, a Ortopraxia, a ousadia de transformar o mundo, quanto ao modo de produção, ao modo de consumo e ao modo de gestão societal, alternativos a toda sociedade de classes, e em harmonia com o planeta, de modo a tomar estas balizas como fundamento teórico-prático da atuação da Educação Popular e da Extensão Popular.

O Prof Luiz Gonzaga Gonçalves, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), participou do painel Horizontes para a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos: desafios atuais diante da pandemia e dos retrocessos civilizatórios, e refletiu, a partir de uma experiência de EJA realizada em Canudos, Bahia, em 1988, sobre a importância de “reacender a força da utopia que move nossa gente”. Segundo ele,

A grande questão hoje para a educação popular é ver se no meio dos escombros da pandemia, no meio dos escombros de um poder central, com ramificações

regionais e locais, que tem apenas o presente como importante e gerador de vantagens não republicanas, o que sabemos das utopias profundas dos que estão vivendo no limite de suas potencialidades humanas e sociais?

No mesmo papel, o Prof. Luiz Gomes da Silva Filho, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), questionou a paralisia da educação tradicional diante da pandemia do Covid-19 e desafiou a educação popular a se inserir e ressignificar as tecnologias e os processos educativos, exercendo a sua tarefa principal: contribuir para desvelar a realidade. Para ele,

a Pandemia [...] apresentou o desafio à Educação Popular: ocupar o vácuo deixado pela notória fragilidade da educação tradicional. Inserir-se no contexto das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) ressignificando e vivificando a tecnologia enquanto ferramenta educativa.

O prof. Dan Baron, participou no desenvolvimento do minicurso *Diálogos entre Bem Viver, Educação Popular e os Direitos Humanos e da Natureza*, trazendo reflexões a partir de poemas dialógicos comunitários que retratam a experiência realizada na comunidade pescadora afro-indígena de Cabelo Seco, bairro matriz de Marabá-PA, na Amazônia Brasileira. O texto, pelo perfil estético e poético, sai do padrão tradicional da escrita, mas é um convite a “vivenciar o processo eco-pedagógico dialógico e estético que a poesia popular inspira, quanto para [...] ouvir as vozes humanas, em seus ambientes dialógicos, que participaram nos processos que criaram a simbologia, linguagem e performance do Bem Viver no imaginário comunitário”.

Deixamos aqui o convite à leitura desses artigos.

REFERÊNCIAS

BRUTSCHER, Volmir José; SCOCUGLIA, Afonso Celso. Discursos da Educação Popular Contemporânea: encontros com Michel Foucault e Paulo Freire. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 35.ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

EDUCAÇÃO POPULAR E UNIVERSIDADE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO A SUAS CONEXÕES, POSSIBILIDADES E LIMITES

Maria Teresa Esteban

A Universidade vem se democratizando. Bem mais lentamente e de modo muito mais conflituoso e contraditório do que gostaríamos, é verdade, e ainda longe de ser uma universidade popular. Mas, com movimentos interessantes que problematizam sua estrutura como instituição burocrática vinculada ao projeto hegemônico de sociedade, em consonância com a histórica luta do povo contra sua subalternização. Embora no momento atual, o que se coloca, como orientação oficial, sejam processos de interrupção dos sentidos democráticos que vinham se constituindo, a universidade pública vem sendo desafiada a transformar-se em virtude do incremento no ingresso de estudantes das classes populares em seus diferentes cursos, incluindo mestrado e doutorado.

Ainda que a ampliação do acesso de estudantes das classes populares seja insuficiente e que não estejam dadas todas as condições necessárias para sua permanência na universidade, o quadro que temos hoje resulta de muitas lutas, em diferentes espaços e tempos. É um passo importante que nos mostra a cada dia que muito há para ser feito.

De todo modo, a universidade se reconfigura. Com esses sujeitos, chegam outras questões, outras experiências, outras demandas, outras possibilidades. Trazem consigo também outros modos de abordar antigos – e persistentes – problemas da sociedade brasileira. Com frequência problematizam as respostas já dadas e mesmo as perguntas feitas. Efetivamente, a partir de suas experiências como sujeitos das classes populares trazem outros conhecimentos

e outras formas de lidar com o conhecimento. A heterogeneidade característica do povo brasileiro vai paulatinamente sendo integrada ao desenho da universidade pública.

Há, portanto, uma interpelação à universidade, em seu conteúdo, mas também em seu método. Igualmente, há múltiplas conexões com processos e movimentos já existentes na universidade com vistas a aprofundar sua face democrática. Muitos deles fortemente vinculados à educação popular, outros, inspirados em seus princípios; a educação popular tematiza disciplinas e projetos em vários cursos, em diversas universidades. Encontramos programas de pós-graduação, linhas de pesquisa e ações de extensão voltados à educação popular. Essa presença, por meio de várias formas e inscrições institucionais, evidencia que a educação popular é indispensável à produção de uma universidade de qualidade socialmente referenciada comprometida, portanto, com uma educação libertadora.

A transformação que se mostra necessária demanda a ruptura com o paradigma da modernidade-colonialidade eurocêntrica, por fomentar processos de subalternização que destituem de valor os sujeitos, as culturas e os conhecimentos que se produzem fora de suas fronteiras, com a manutenção incessante dos “processos imperiais coloniais” (MIGNOLO, 2003).

Como sabemos, o ingresso de estudantes das classes populares na universidade ocorre em meio às muitas tensões constitutivas do próprio projeto de universidade vigente. Entre elas a manutenção de uma atuação voltada à cooptação das classes populares, individualizando os percursos e integrando os sujeitos ao ideário dominante – que trata a educação como mercadoria e fomenta a meritocracia - e a ampliação dos processos que se conectam aos movimentos populares e aos sociais e se traduzem como um dos fios que reafirmam e fortalecem as lutas por libertação. O projeto de universidade está em disputa e a perspectiva assinalada pela educação popular vem se mostrando um instrumento potente para o fortalecimento das relações entre as ações da universidade e as

demandas do povo. Povo compreendido como categoria política, forjado em sua experiência subalterna, com a qual articulam seus projetos de libertação.

Continuamos, então, diante do desafio de tomar a educação como prática de liberdade, como Freire (2006) propôs, e realizar o projeto de universidade popular, no qual a cultura “como aquisição sistemática da experiência humana” (FREIRE, 1978, p.108) apresenta-se como conceito apropriado ao deslocamento dos eixos de articulação dos processos educativos vigentes para conectá-los ao processo de democratização que pressupõe uma ação crítica. Nesse projeto de educação libertadora, a ênfase na perspectiva crítica interroga a pedagogia tradicional, convergente com a educação bancária, de modo a desarticular a relação hierárquica entre professor e aluno, que a sustenta e fomenta o silenciamento e a prescrição. Essa concepção antidialógica preserva a distância entre a educação e as demandas e saberes populares para promover a adaptação dos seres humanos ao mundo, eixo com o qual também se rompe na medida em que há reflexão sobre a cultura, fazendo emergir a ação humana na produção do mundo, caracterizada como coletiva, crítica, criativa e transformadora.

Este breve ensaio se propõe a pinçar alguns fios dessa trama, tendo como referência minha experiência docente na Faculdade de Educação de uma universidade pública. A ênfase recai sobre a pluralidade constitutiva da sala de aula, como marcador relevante para os processos cotidianos, e os movimentos de reconfiguração da pesquisa, com a chegada de estudantes das classes populares aos programas de pós-graduação.

A aula como pronúncia do mundo

Ao observar a dinâmica pedagógica no ensino superior, do meu lugar de professora de um curso de Pedagogia, destaca-se a

composição múltipla da sala de aula¹⁹, em especial pela presença de estudantes das classes populares. A aula se realiza com a confluência de pessoas vindas de diversos territórios, com predomínio das periferias urbanas, fazendo daquele espaço um centro periférico, pelo lugar que ocupa na formação de estudantes e pelas conexões intra e extraescolar que promove. Nesse contexto, a sala de aula se mostra espaço privilegiado para exercícios formativos com potencial para uma aproximação aos processos articuladores da universidade popular, como, por exemplo, a aprendizagem da docência como ato dialógico, como parte da formação de educadoras e educadores que a concebiam como prática da liberdade, em consonância com a proposta freireana. Uma formação tramada pela pronúncia da palavra mundo como enunciação coletiva, produzida por e produtora de movimentos de reexistência.

A pluralidade dos percursos de vida, nos quais se inscrevem a escolarização e diversas propostas de educação não formal, se entrelaçam às vivências na universidade e ali se expressam, gerando condições propícias para a problematização do modelo de formação oficial e institucionalmente consolidado. A essa característica somam-se, no caso do curso de Pedagogia, os fatos de ser majoritariamente feminino e de ser buscado, de modo crescente, por estudantes das classes populares e negras. Muitas dessas estudantes chegam à universidade depois de trabalharem e criarem seus filhos e filhas, algumas chegam às aulas, mesmo no horário noturno, trazendo suas crianças no colo. O que acrescenta outro atributo significativo: diferente de muitos outros cursos de graduação, parte relevante das estudantes não são jovens, recém-saídas do ensino médio, mas mulheres maduras com ampla experiência de vida e, não raro, com uma passagem turbulenta pela educação básica.

19 - Sala de aula aqui expressa os diferentes lugares em que os grupos compostos por docentes e discentes se encontram para realizar o trabalho pedagógico. Como já sabemos e temos vivido de um modo singular durante a pandemia da Covid-19, a aula extrapola os limites físicos de uma determinada sala em um prédio específico.

Com grande frequência, trazem em seus históricos escolares percursos irregulares, de modo recorrente interpretados como ausência, incapacidade, fragilidade, carência e/ou desinteresse. Porém, a reflexão coletiva sobre esses percursos individuais, que no diálogo em sala de aula vão aparecendo como experiências comuns, em que pesem suas marcas subjetivas, inseridas em contextos de exclusão e de desigualdade, gera perguntas. As perguntas movem o desejo e a possibilidade de *aprenderensinar*. A aula como ato dialógico e o estudo como problematização das questões que estão na vida vão permitindo que as camadas que encobrem as raízes do que é traduzido como negação sejam retiradas, provocando um deslocamento da culpabilização individual para a compreensão do vínculo entre as condições individuais de vida e os processos sócio-históricos. Para muitas estudantes, outros sentimentos, percepções, compreensões e *aprendizagem* são oportunizados e há o (re)encontro com suas histórias de luta para superar as adversidades, sua força para não desistir totalmente diante dos obstáculos e com um projeto de educação que desperdiça potências e saberes, ao se pautar em modelos uniformes que buscam a homogeneidade.

Assim, a aula, como tempo de formação, se compõe também pelo entrelaçamento com essa diferença de percursos, carregados de experiências das classes populares, em um país heterogêneo em múltiplos sentidos e construído sobre um imenso abismo social. Com essa configuração peculiar, a aula mostra-se um *espaçotempo* privilegiado para a compreensão da diferença como a força do trabalho educativo e estímulo aos processos dialógicos e reflexivos, e para a produção de oportunidades de aprendizagens com as classes populares para, também com elas, tecer pedagogias que lhes sejam favoráveis.

A cultura popular se integra ao conjunto de conhecimentos relevantes para a formação da educadora e do educador. Aqui a cultura não é vista desde uma visão romantizada, que desconsidera sua inscrição nas relações de poder e o quanto a dominação constitui a

experiência de sociedades subalternizadas, gerando comportamentos submissos e pouco críticos, que se explicitam na cultura do silêncio (FREIRE, 2006). Com o entendimento das tensões que atravessam a vida social, a cultura como produção plural deve ser objeto de reflexão crítica.

O conceito antropológico de cultura é um destes “temas dobradiça”, que prendem a concepção geral do mundo que o povo esteja tendo ao resto do programa. Esclarece, através de sua compreensão, o papel dos homens no mundo e com o mundo, como seres da transformação e não da adaptação. (FREIRE, 2006, p.134/135)

Ao considerar com Freire que a reflexão crítica sobre a cultura evidencia o lugar da ação dos seres humanos na produção do mundo e leva a uma percepção crescente da possibilidade de transformação das condições injustas e indignas em que são postas parcelas expressivas da população, nos encontramos, na universidade, com a exigência de enfrentamento à cultura do silêncio, que se enraíza na estrutura da produção científica, na ação pedagógica e na definição dos conhecimentos com legitimidade para integrar o currículo oficial de cada curso e, nele, de cada disciplina. É também a universidade pública, como instituição voltada à produção do conhecimento, que é interpelada, nesse movimento.

Importa notar que o curso de Pedagogia que recebe estudantes das classes populares forma professores, professoras, pedagogos e pedagogas que vão trabalhar, com frequência, com as classes populares, em escolas públicas, em periferias urbanas ou em escolas do campo, e mesmo em pequenas escolas privadas que também recebem crianças e adolescentes das classes populares. A manutenção da cultura do silêncio e da prescrição, características da pedagogia conformada pelo pensamento eurocêntrico, em suas práticas pedagógicas alimenta a permanência da educação bancária também na educação básica.

Sendo tantas as aproximações entre o curso de Pedagogia e as classes populares, faz sentido pensar na incorporação da educação popular a esse curso como um paradigma educativo e pedagógico, conforme elaborado por Mejía (2020). Para esse autor, a educação popular referenciada na obra freiriana vai além de uma pedagogia latino-americana para se configurar como um dos quatro paradigmas educativos e pedagógicos formulados pela modernidade ocidental. É uma produção histórica, formulada no Sul global que, não se restringindo à demarcação geográfica, emerge como espaço político e epistêmico. Constituído em oposição ao eurocentrismo, tem um caráter crítico, criativo e transformador e viabiliza a produção de uma educação e uma pedagogia enraizada na realidade latino-americana, com sua heterogeneidade, para transformá-la. Por ter como seu principal compromisso a superação das opressões, é significativo para todos os projetos educativos implicados nos processos de humanização.

A educação popular, como paradigma educativo, expõe a tensão que circunscreve a formação docente na América Latina, ao defini-la a partir do pensamento pedagógico conduzido pelos outros paradigmas que se fundam na homogeneidade de processos e resultados e num currículo prescritivo. A pedagogia libertadora, proposta por Freire, abraçada pelo paradigma latino-americano e concebida como parte deste, traz a experiência subalterna para o centro do processo pedagógico, articulado à cultura – uma ação cultural para a liberdade. (NARCIZO SAMPAIO; ESTEBAN, 2022, p.88)

A sala de aula, com suas experiências cotidianas, dá pistas e evidências da pertinência da educação popular como paradigma para a articulação dos projetos de formação de profissionais que atuam na educação e das práticas pedagógicas que os constituem. Embora

a perspectiva conteudista e tecnicista mantenha seu predomínio na formulação das políticas para a formação docente e tenha grande aceitação na produção do trabalho pedagógico, a presença ampliada das classes populares no curso de Pedagogia a interroga e sublinha como nucleares, no processo formativo, as dimensões ética, política, epistemológica e estética que viabilizam movimentos dialógicos²⁰ com a participação do povo na produção de projetos educacionais que confrontem a subalternização e contribuam com a humanização.

Diferir para estar no mundo

Ressaltar o lugar da diferença na dinâmica da universidade requer qualificá-la, posto ser a diferença, tradicionalmente, um elemento importante também no discurso que sustenta a meritocracia. Encontramos em Valla (1998) dois modos opostos de expor a diferença: como carência, categoria amiúde utilizada para interpretar as classes populares, e como intensidade, categoria que porta a força das experiências desse segmento social. Assumir a diferença como intensidade recompõe as dimensões teórica e prática do ato pedagógico, lembrando sempre que, como nos ensinou Freire, a educação como prática dialógica volta-se ao *ser mais*.

A intensidade afirma a diferença como articuladora de possibilidades outras de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos que atravessam as experiências que o estar na universidade proporciona. Desse modo, cada encontro que se dá nas atividades que constituem a vida na universidade é uma possibilidade ímpar de produção compartilhada de conhecimentos, como projeto coletivo e cotidiano. Bem como, *espaçotempo* propício à problematização de modos de fazer e de pensar bastante consolidados, e por vezes naturalizado, numa pedagogia de base eurocêntrica,

20 A noção de professora-pesquisadora, como proposta por Alves e Garcia (2000), do meu ponto de vista, é bastante relevante na costura da formação docente com a educação popular. Não vou desenvolver essa relação aqui, tratada por mim em Esteban (2019).

estruturada pelas exigências de objetividade, neutralidade e fratura entre o profissional e o pessoal.

A diferença como intensidade traz o desafio de prosseguirmos na tecelagem de projetos de trabalho, formativos para todas as pessoas que dele participam – seja como estudante, como docente, como funcionário/a técnico-administrativo ou como integrante não pertencente à estrutura universitária -, que viabilizem o diálogo entre as diferentes culturas, diferentes processos de conhecimento e diferentes sujeitos sociais presentes na vida da universidade. Atenção especial precisa ser dada à integração da diferença ao debate científico, ainda fortemente colonizado pela perspectiva eurocêntrica. Desafio que mantém viva a pergunta sobre as relações estabelecidas entre a universidade e os movimentos sociais populares e o cuidado com a histórica dinâmica social de articulação de processos contra-hegemônicos.

Desafio que se configura quando olhamos os processos instaurados na universidade com a incorporação, mesmo que amplamente minoritária, do paradigma da educação popular, em suas distintas esferas de atuação. A educação popular cria espaço para epistemologias, no plural; com ela vamos encontrando possibilidades de ir além do reconhecimento das diferentes visões de mundo existentes, para trazer para as ações cotidianas uma multiplicidade de estratégias, procedimentos, processos, dispositivos, linguagens, conhecimentos, perguntas e proposições que constituem os vários modos de produzir a vida e que se produzem no diálogo que se instaura no âmbito do trabalho na universidade.

A finalidade, por tanto, não é compreender o compreender do povo para levar a ele, por meio da extensão, os conhecimentos produzidos na universidade, em seus projetos de pesquisa, ou encontrar modos de transmissão do conhecimento mais adequados aos sujeitos populares nas atividades de ensino, para moldá-los. O que a educação popular nos oferece é a possibilidade de redefinir os processos no contexto da universidade pelo diálogo com as classes

populares. Trazer para a nossa experiência a busca e o compromisso com os inéditos viáveis, conforme elaborado por Freire.

Movimento que também pode ser observado na configuração da pesquisa, na medida em que as classes populares chegam ao lugar de pesquisadoras e pesquisadores. Sublinho a chegada das classes populares e não de indivíduos oriundos desse segmento social. Porque, como tenho visto nas e nos jovens pesquisadoras e pesquisadores com quem tenho trabalhado nos últimos anos, de modo mais evidente, elas e eles chegam ao mestrado e doutorado com tudo: sua experiência, suas marcas e forte consciência e compromisso de classe. Tem sido especialmente significativo ver como reposicionam questões, redefinem opções teórico-epistemológicas, reinscrevem as relações entre a pesquisa e suas inserções cotidianas e atuam na produção de conhecimentos deslocando certezas, perguntas e caminhos bastante consolidados, embora insuficientes para o que requerem as classes populares, no nosso caso, em relação à educação e mais precisamente à escolarização. Com ousadia, são potência da transformação.

Sua dupla inscrição, como sujeitos das classes populares e pesquisadores em formação em contexto onde predomina a filiação ao conhecimento inscrito na razão moderna ocidental, permite deslizamentos que os aproximam do que Mignolo (2003) denomina como pensamento liminar. Este, pensamento fronteiro também demarcado pela colonialidade do poder no sistema mundial moderno, torna-se possível quando os conhecimentos subalternizados, que se tramam nas histórias locais, com suas peculiaridades no que também se refere às relações de poder, são apreciados e junto aos “discursos imperiais” são submetidos à dupla crítica. Situado “em todos esses, e em nenhum deles, em sua fronteira” (idem, p. 104), o pensamento liminar possibilita a reflexão sobre a historicidade das diferenças e fomenta possibilidades de “pensar de outra maneira, caminhar para ‘uma outra lógica’” (idem, p. 106- aspas no original).

Há um fortalecimento da pesquisa situada nas margens, que toma por objeto de estudo os múltiplos processos de produção da subalternidade e os movimentos que trazem perspectivas críticas e transformadoras. O que requer encaminhamentos que não estejam delineados pelos modelos eurocêntricos que se tramam na perspectiva da colonialidade, forjada na modernidade como mecanismo de manutenção e de agravamento da subalternização de sujeitos, grupos sociais e povos (MIGNOLO, 2003).

Sem desqualificar ou negar a relevância de toda uma tradição crítica de produção de conhecimento no âmbito do pensamento moderno, assumimos a necessidade de aprofundamento da descolonização do conhecimento, conforme proposto, por exemplo, por Dussel (2006), Mignolo (2003) e pelo próprio Freire (2005; 2006), na busca de diálogo com o pensamento liminar a fim de encontrar encaminhamentos epistemológicos, políticos, éticos, teóricos e metodológicos que tragam possibilidades de ruptura com a situação denunciada por Khatibi (apud Mignolo, 2003, p. 108): “as ‘sociedades silenciadas’, mesmo quando falam, não são ouvidas em sua diferença” (aspas no original).

Nesse movimento, vem se mostrando relevante para o trabalho que realizamos²¹ o aprofundamento na produção latino-americana sobre formas de pesquisa participativa. Essa vertente tem fortes conexões com princípios e experiências presentes na educação popular e nos estudos decoloniais e nos oferece caminhos potentes para a pesquisa que se constitui em diálogo com os movimentos mobilizados pelo compromisso com a libertação.

A sistematização realizada por nossos companheiros Danilo Streck e Telmo Adams evidencia a relevância dessa perspectiva de pesquisa:

21 Refiro-me ao trabalho realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Avaliação, Educação Popular e Escola Pública/GEPAEP (<http://avaliacaoalfa.sites.uff.br/>), vinculado à linha de pesquisa Estudos do Cotidiano da Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF.

A reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade implica uma pesquisa comprometida com a transformação social de superação do paradigma da colonialidade eurocêntrica. Trata-se de uma pesquisa mediadora de processos educativos emancipadores por meio de envolvimento de todos os sujeitos participantes, juntamente com a reflexão coletiva e a consequente incidência sobre a prática. (STRECK; ADAMS, 2012, p. 254)

Essa perspectiva de investigação vem sendo elaborada na América Latina, inclusive por meio da parceria entre universidades e movimentos sociais, sublinhando a presença da educação popular na produção do conhecimento. Os autores identificam um conjunto de metodologias de cunho participativo e emancipatório que se enquadram na denominação pesquisa participativa. Esse conjunto, que tem como marca do próprio processo investigativo as dimensões coletiva, dialógica e emancipatória, se compõe de: *investigación-participativa* (Fals Borda), *pesquisa participante* (Freire, especialmente na experiência de Angicos) e *sistematização de experiências* (Jara Holliday).

Guardando suas especificidades, há características comuns às três vertentes da pesquisa participativa, apresentadas por Streck e Adams (2012) em diálogo com o trabalho de Cajardo (apud STRECK; ADAMS, 2012), resumidamente mencionadas a seguir:

- produção coletiva do conhecimento, como forma de ruptura com o monopólio do saber pelos intelectuais e pesquisadores, ao lado da apropriação do conhecimento pelos grupos socialmente marginalizados, como parte de sua luta;

- a análise coletiva e crítica das informações e os modos de usá-las em conexão com seus problemas, na busca de suas causas e de alternativas para o encaminhamento de sua solução, observando suas dimensões e articulações individuais e coletivas, bem como seus aspectos conjunturais estruturais;

- a elaboração de interpretação crítica da lógica e dos sentidos que constituem a experiência, de modo a gerar as mudanças que potencializem a eficácia social e a riqueza cultural da experiência.

O artigo citado apresenta esse movimento como um giro metodológico na produção do conhecimento na América Latina, no sentido de configurar processos partilhados envolvendo sujeitos diferentes desempenhando papéis distintos, dando lugar a metodologias que resistem e reagem à colonialidade como matriz cultural e epistêmica. As propostas desenvolvidas por Fals Borda e Freire se apropriaram de princípios da pesquisa-ação já desenvolvida em outras experiências e criaram meios para articular a pesquisa ao movimento político existente na sociedade.

Para concluir este ensaio, uma brevíssima alusão à proposta de pesquisa com o cotidiano (ou nos/dos/com os cotidianos), elaborada no contexto da pesquisa em educação no Brasil, com aproximações com o pensamento freireano, com a perspectiva decolonial, com a pesquisa participativa e com a crítica ao paradigma eurocêntrico. Com o foco na vida da escola e de outros espaços educativos, Regina Leite Garcia e Nilda Alves mobilizaram uma produção metodológica articulada à elaboração epistemológica da noção de cotidiano. Nela, ganha intensidade e visibilidade o cotidiano como *espaçotempo* complexo, no qual se entrelaçam saberes, práticas, valores, problemas e dinâmicas produzidos nas diversas esferas da vida social e os tantos modos de viver, sentir, pensar que a experiência humana viabiliza.

Portanto, o cotidiano é *espaçotempo* de produção de conhecimento, com a participação dos sujeitos vários que estão presentes no contexto investigado (GARCIA; ALVES, 2002), a partir da problematização dos muitos desafios ali encontrados, com especial atenção à escola pública. Destaca-se o lugar das professoras²², nos estudos que se voltam à educação básica, como sujeito político, participante das atividades de pesquisas e importante no estabelecimento de conexões entre as classes populares e a escola

22 As autoras usam o feminino por ser o magistério composto majoritariamente por mulheres.

pública brasileira. A pesquisa com o cotidiano tem sua origem na prática educativa e a ela direciona seus resultados, pautada pelo movimento dialógico *prácticoteoriaprática* no qual se ressalta a posição política de considerar o trabalho educativo e os processos pedagógicos como *espaçostempos* de teoria em movimento, em contraposição às propostas que os veem como práticas organizadas pela mera aplicação e reprodução da teoria aprendida.

Conforme Garcia:

Mergulhar na prática com @s práctic@s, descobrir a riqueza da teoria em movimento que se atualiza no cotidiano, enriquecida pelo que a cada dia se revela como novo. O cotidiano, portanto, como um rico espaço de construção de conhecimentos, as professoras como sujeitos de conhecimentos, assim como as crianças como sujeitos de saberes e a escola como lócus de diferentes saberes que dialogam dialeticamente possibilitando ser cumprida a promessa de uma escola que contribua efetivamente para mudar as vidas de quem nela chega e por ela passa grande parte de sua vida. (...) Portanto, o cotidiano como espaço privilegiado para aprendermos sobre educação em nosso país, pedindo licença para entrar na escola e com ela pesquisar. (GARCIA, 2003, p. 204 - 206)

A modo de encerramento

Este breve ensaio se propôs a levantar algumas questões sobre o lugar que a educação popular vem ocupando na universidade pública, como parte de movimentos convergentes com a sua democratização. Processo marcado pela crescente presença das classes populares nos cursos universitários.

Referenciada em minha experiência como professora da Faculdade de Educação de uma universidade pública, interagindo cotidianamente com estudantes das classes populares, procurei

puxar alguns fios que entendo evidenciar aspectos interessantes para a reflexão sobre a contribuição da educação popular para a recomposição da ação da universidade, em sua complexa trama. Uma resignificação que aprofunde a dimensão democrática da universidade por integrá-la, de modo cada vez mais intenso, a processos de contraposição à colonialidade do ser, do saber e do poder - que se relaciona à subalternização de povos, grupos e sujeitos-; e a processos de libertação, indispensáveis ao histórico movimento de humanização da vida.

Ainda que, no presente, sejam insuficientes, as conexões entre a educação popular e a universidade se mostram potentes e expressam a necessidade de se consolidar e ampliar esse diálogo criando, assim, condições para que possamos efetivamente pensar na universidade popular como um inédito-viável.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite A invenção da escola a cada dia. IN: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Org.) *A invenção da escola a cada dia*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

ESTEBAN, M.T. Diálogos sobre formação docente comprometida com uma escola pública popular. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 171-192, set./dez. 2019.

DUSSEL, E. *Ética de la Liberación. Entre la edad de la globalización y de la exclusión*. Madrid, Trotta, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 43 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. 12 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

GARCIA, Regina L. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, Regina L. (org.). *Método, Métodos, Contramétodo*. São Paulo, Cortez, 2003. p. 193-208.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa IN: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Org.) *Professora-pesquisadora – uma práxis em construção*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

MEJÍA, M. R. *Educación popular – Raíces y travesías. De Simón Rodríguez a Paulo Freire*. Bogotá, Ediciones Aurora, 2020.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

NARCIZO SAMPAIO, M; ESTEBAN, M.T. (Trans)Formar: desafio freireano para a formação docente. *Pedagogía y saberes*, nº 56, 2022,

p. 85–101. Disponível em: <file:///C:/Users/Samsung/Downloads/redaca,+P&S+56+Art06.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

STRECK, D; ADAMS, T. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-257, 2012.

VALLA, Victor V. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. *Cadernos de Saúde Pública*, v.2, n. 14, p. 7-18. 1998.

A EDUCAÇÃO POPULAR NA UNIVERSIDADE: CONQUISTAS E DESAFIOS²³

Alder Júlio Ferreira Calado

A produção de saberes constitui uma marca fundamental do processo de humanização, desde tempos imemoriais. Da Ásia (China, Índia, Oriente Médio...), África, civilizações tais como a dos Astecas, dos Maias, dos Incas e, tempos depois, Europa, sucederam-se ou coexistiram múltiplos e diferenciados centros de produção de saberes: populares, filosóficos, artísticos, no campo do sagrado, científico-tecnológicos...

Parece consenso o reconhecimento de que, desde o século XI - e principalmente depois do século XVI - os centros de produção científica, em especial as Universidades, vêm ocupando lugar privilegiado ou exclusivo. A par das Universidades, estes centros se têm dedicado à produção de saberes técnico-científicos, voltados à preparação de quadros profissionais representativos dos interesses dos setores dominantes, secundarizando ou mesmo excluindo de seus espaços estudantes das camadas populares.

Os Estados Modernos aprimoraram esta função desenvolvendo especialmente a produção de saberes científicos, mas sempre na perspectiva de formação dos seus quadros da burguesia dos quais restaram excluídos, os setores populares, mantendo excepcionalmente parcelas insignificantes. Esta é uma marca precípua do Estado, organismo essencial historicamente usado para viabilizar a dominação de uma classe social sobre as demais.

Nessas condições, sócio-históricas, que vêm prevalecendo na organização da vida acadêmica, não há como e por que estranhar

²³ Este texto corresponde à transcrição da exposição do autor (por conta da sua condição de visão), referente ao tema no Seminário Internacional Universidade e Educação Popular e VIII Seminário Educação Popular e Construção do Conhecimento.

objetivos e planos aí vigentes. Neste sentido, seguem cumprindo seu papel. Desde a Idade Média, as Universidades se têm prestado aos setores dominantes e dirigentes, o que as torna um espaço proibitivo ou fortemente restritivo ao acesso das camadas populares e em especial das mulheres. As universidades, sendo como eram - e como ainda são, em grande medida! - espaços destinados a prepararem os quadros dirigentes da classe dominante, revelam-se hostis ao protagonismo das classes populares e outros grupos sociais, tais como os quilombolas, os povos originários, as comunidades LGBTQIA+.

Nos tempos Modernos, tal como sucedia desde a Antiguidade, o Estado segue sendo um instrumento fundamental, ao lado do Mercado, para viabilização do domínio de uma classe sobre as demais (dos antigos senhores sobre os escravos; dos senhores feudais sobre os servos; da burguesia sobre os trabalhadores e trabalhadoras...). Isto continua, ainda que de forma nuançada, no presente.

Nisto não há surpresa: ontem como hoje, o Estado - ao lado do Mercado - segue cumprindo seu papel, inclusive na organização da Cultura e da Educação, refém que é das políticas governamentais (infraestrutura, saúde, transporte, legislação trabalhista, mídia, religião, segurança pública, organização fundiária, produção agrária, papel dos bancos, agronegócio, produção de commodities...). Da Educação Infantil à Pós-Graduação, sejam governamentais ou particulares, as escolas e Universidades são autorizadas e/ou organizadas pelo Estado.

Conquistas e desafios, no caso do Brasil

Todavia há de se reconhecer que este modo de organização não se dá de modo linear, mas com idas e voltas, resultante de lutas e concessões que favoreceram aos interesses das classes populares. Foi isto, por exemplo, o que se deu, mais recentemente, durante os governos Lula (1º e 2º) e Dilma, durante os quais diversas conquistas, inclusive no campo educacional, se registraram.

No que diz respeito, especificamente, à Educação Popular, numa perspectiva marx-freire-dusseliana, resulta imperioso manter-se vigilante quanto aos limites da Educação Popular na Universidade, sem que se menosprezem suas potencialidades, a depender das circunstâncias histórico-culturais prevaletentes.

Neste sentido, sem negar ou subestimar o papel transformador da Educação Popular na Universidade, em tal contexto, importa ter sempre presentes suas potencialidades e seus limites. Começemos pelos seus limites. Partindo do entendimento de que a Educação Popular corresponde ao processo de humanização, por conseguinte, do desenvolvimento do ser humano como um todo e de todos os seres humanos, esta Educação Popular supõe a construção processual de condições que permitam o exercício de um conjunto de dimensões - dimensão cósmica, dimensão de espacialidade, das relações sociais do Trabalho, de gênero, de etnia, geracionais, de dimensão econômica, da dimensão política, da dimensão cultural, ética, estética, erótico-afetiva, entre outras. Apostar, com todas as fichas, em que isto seja exequível a contento no atual modo de produção, de consumo e de gestão societal, não parece razoável.

Ao mesmo tempo, até para ousarmos superar o atual sistema, importa começarmos desde já, por meio da Educação Popular, posta em prática, nos limites das atuais possibilidades, ainda que de modo molecular.

A despeito de uma conjuntura sócio-histórica consideravelmente adversa, do ponto de vista das classes populares, no Brasil e em outros países, algumas conquistas merecem destaque. Limitamo-nos aqui a realçar avanços, no campo universitário, da Educação Popular e da Extensão Popular. Mesmo sabendo tratar-se de um espaço em disputa, de consideráveis desvantagens para as classes populares, diversas Universidades Públicas, localizadas nas 5 regiões brasileiras, dentre as quais, nos permitimos, destacar a Universidade Federal da Paraíba que tem logrado avanços significativos no campo da Educação Popular e da Extensão Popular.

Há algumas décadas, vêm atuando instâncias significativas nessa área, dentre as quais o NUPPO, Núcleo de Pesquisa e documentação da cultura popular (<https://ufpb.br/nuppo>), o SEAMPO, Serviço de Educação e Assessoria a Movimentos Populares (<http://www.prac.ufpb.br/extelar/>), a TCI Terapia Comunitária Integrativa (<http://www.cchsa.ufpb.br/cchsa/editores/noticias/rodas-de-terapia-comunitaria-integrativa-tci-online-do-ambito-da-ufpb>), o NEDET, Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia (https://issuu.com/nedetufpb/docs/_revista_01_ago_21_revis_o_fillipe/8), e aqui ressaltando, a atuação do Extelar - Grupo de Pesquisa em Extensão Popular.

O EXTELAR, trabalhando em rede com outros grupos de pesquisa, especialmente na área de Educação Popular em Saúde e em Economia Solidária Popular, vem apresentando avanços significativos no campo da pesquisa em Educação Popular e em Extensão Popular. Vasta tem sido a gama de atividades desenvolvidas por este grupo de pesquisa associado a outros com semelhantes objetivos. Diversas publicações protagonizadas por pesquisadores e pesquisadoras do Extelar dão uma amostra da qualidade destes trabalhos.

A despeito desta e de outras conquistas similares, nunca é demais lembrar os sérios limites de se trabalhar Educação Popular e Extensão Popular no âmbito acadêmico, controlado que é pelo Estado. Mesmo assim, sempre é possível contar com um certo percentual de docentes, pesquisadores e extensionistas, junto com estudantes e membros do corpo técnico-administrativo, empenhados em levar adiante vários projetos de Educação Popular e de Extensão Popular.

Quanto aos desafios que a conjuntura nos apresenta, destacamos alguns deles. Um primeiro tem a ver com o enfrentamento de uma conjuntura pandêmica, agravada por todo um pandemônio sociopolítico, no Brasil e no mundo. Pandemônio que já dura alguns anos, protagonizado por fortes correntes ultradireitistas, com nítidas marcas neofascistas. Não bastasse o desafio de se trabalhar a educação

popular e a extensão popular no campo acadêmico, cumpre acrescentar o peso especial da atual conjuntura sócio-histórica.

Em tempos menos desfavoráveis para os interesses das classes populares, a Educação Popular e a Extensão Popular já contariam com adversidades significativas. Uma das razões para lidar-se com Educação Popular nas Universidades - especialmente nas Universidades mantidas pelo Estado, por atuarem com mais nitidez com o entrelaçamento desejável entre docência, pesquisa e extensão. Sendo, como são, as Universidades, governamentais ou particulares controladas pelo Estado, parceiro orgânico do Mercado, dificilmente se pode apostar todas as fichas no trabalho da Educação Popular e da Extensão Popular, visando certa hegemonia. Com efeito, quando trabalhamos com Educação Popular, numa perspectiva marx-freire-dusseliana, parece uma tarefa complexa por em prática marcas relevantes de uma Educação Popular, que tome como prioridade balizas tais como: uma dimensão cósmica, uma dimensão ecológica, uma dimensão espacial, uma dimensão econômica, uma dimensão política, uma dimensão cultural, um trabalho a partir das relações com o sagrado, com a ética, com a estética, com a dimensão erótico-afetiva, com a dimensão das relações sociais de gênero, de etnia, de gerações, a dimensão do trabalho, entre outras. Neste sentido, importa igualmente reconhecer nos movimentos sociais populares aquele sujeito histórico mais apropriado para dar conta destes desafios. Referimo-nos, especialmente, aos movimentos sociais populares e, particularmente, aqueles que trabalham com uma perspectiva de construção societal alternativa ao modo de produção, de consumo e de gestão societal dominante.

A despeito deste desafio, importa lembrar que estas dimensões já vêm sendo trabalhadas no chão do cotidiano das classes populares e dos movimentos sociais populares, ainda que de modo molecular. Com efeito, podemos observar, nas correntezas subterrâneas, diversas experiências de alternatividade que se acham em curso. Como exemplos ilustrativos, podemos citar as associações que compõem a

ASA (Articulação do Semi-Árido), a qual se acham vinculadas dezenas de entidades comunitárias e de movimentos populares. Na esteira deste evento, podemos destacar como experiências inovadoras o empenho de vários desses grupos e comunidades em criar alternativas de convivência do Semi-Árido. Diversas são as tecnologias alternativas que vêm sendo utilizadas, nesta direção. É, também, o caso de muitas experiências de caráter agroecológico, bem como de catadores e catadoras de resíduos sólidos, coletivos feministas, de experiências inovadoras protagonizadas por movimentos populares ligados aos povos originários, das florestas, das águas, bem como por diversas comunidades quilombolas.

Exemplos ilustrativos de tais conquistas e desafios

Educação Popular na Universidade é, sim, possível e necessária. São múltiplos os exemplos que podem ser enumerados, no Nordeste, ao longo do país, da América Latina e do mundo. Por outro lado, é prudente não superestimar o lugar da Educação Popular e da Extensão Popular no campo das relações universitárias. Se isto é um horizonte auspicioso testemunhado por docentes, discentes e técnicos administrativos, por outro lado, convém não esquecer que estes correspondem a um percentual simbólico, ainda longe de caracterizar as ações hegemônicas vivenciadas no campo acadêmico.

Outro aspecto importante a enfrentar, tem a ver com o misto de conquistas e desafios, apresentado por algumas experiências exitosas, no plano da educação popular e da extensão popular, vivenciadas pela Universidade. Aqui nos limitaremos a alguns desses desafios com um misto de conquistas. Ainda nos anos 90, experiências de educação popular e de extensão popular eram vivenciadas no campo acadêmico, em relação com as escolas públicas, com alguns movimentos populares e pastorais sociais e até com alguma referência sindical, a exemplo do conhecido e apreciado projeto Zé Peão, em uma fecunda parceria com os trabalhadores da construção civil, junto aos quais essas experiências

eram compartilhadas, principalmente com os trabalhadores da construção civil em processo de letramento ou de alfabetização. Nos prédios em construção, reuniam-se regularmente dezenas de trabalhadores, à noite, acompanhados e orientados por professores e professoras da UFPB, membros do projeto Zé Peão. Experiência que tem atravessado décadas. Ainda neste campo, entre educação popular e extensão popular, também nos anos 90 e anos seguintes, alguns professores da UFPB, ainda quando os laços institucionais relativos às experiências de extensão popular eram bastante vagos, trabalhos de formação eram realizados, principalmente em Serra Redonda, com estudantes provenientes das pastorais de juventude e outras, com o objetivo de vivenciarem um processo formativo, do qual faziam parte estudos de realidade social, de psicologia, de dinâmica de grupo, além de outros temas relativos à formação cristão, dada a pertença de vários desses membros, ao campo das pastorais sociais. A Fundação Dom José Maria Pires, sediada no antigo Centro de Formação Missionária, em Serra Redonda, organizava essas experiências a partir de finais dos anos 90 e vários anos no correr dos anos 2000.

Mais recentemente, em confluência com movimentos sociais populares do campo e algumas pastorais sociais, trabalhos de extensão vêm sendo realizados. Por meio de ofertas de cursos de formação, de reflexões sobre uma diversidade temática, compreendendo análise de conjuntura, educação popular, em saúde, agroecologia, direitos humanos, educação em saúde popular, economia solidária popular, trabalhos em conjunto com povos originários da região (potiguaras e tabajaras), trabalhos de educação popular e de extensão popular com os camponeses e camponesas da região do Vale de Mamanguape constituem exemplos ilustrativos de experiências fecundas realizadas em parceria entre a UFPB e comunidades de povos originários, comunidades quilombolas, camponeses da região, pastorais sociais, a exemplo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), com suas enriquecedoras feiras agroecológicas, testemunham um trabalho

fecundo e desafiante da UFPB com vários setores da sociedade civil paraibana.

Entendemos tratar-se de experiências que entendemos como conquistas, mas também como desafios. Como conquistas, pelo fato de representarem avanços consideráveis na parceria entre uma universidade pública – UFPB - e diversas organizações de base de nossa sociedade. Parceria feita com sujeitos históricos relevantes, a exemplo de vários movimentos populares, tais como o Movimento dos trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), o movimento das comunidades populares, pastorais sociais do Campo, parceria com os povos originários da região, com as comunidades quilombolas, com os trabalhadores e trabalhadoras do campo, tendo a educação do campo como um horizonte de referência voltado para a educação popular e para a extensão popular.

Consideramos também, tais experiências como desafios, à medida que, não obstante seus ganhos de qualidade, ainda se desenvolvem em um ritmo, aquém do desejável, seja por conta dos limites institucionais - a universidade, como antes mencionado, é um campo de disputa, não tão favorável às classes populares - , seja pelo fato de que, como uma instituição organizada e controlada pelo estado, as potencialidades tornam-se aquém do que se deseja. Além disso, cumpre destacar, nestes últimos anos, numa conjuntura, multiplamente adversa, sobretudo a partir do golpe híbrido nos governos populares, situação agravada, pelo pandemônio do desgoverno Bolsonaro, bem como pelas graves consequências da pandemia. Aqui focamos, com mais ênfase, os trabalhos protagonizados pela UFPB, por tratar-se de uma universidade que acompanhamos com mais frequência e da qual temos mais registros, mas, cumpre lembrar que, junto com a UFPB, várias outras universidades, em diversas regiões do país, a exemplo da universidade de Goiás, também propiciam experiências de educação popular e de extensão popular, de grande alcance.

Educação Popular na Universidade constitui um desafio a ser enfrentado, com lucidez, com coragem e com audácia, por um percentual ainda simbólico do conjunto de sujeitos da Universidade, mas, de todo modo, resta o convite a que, ano após ano, mais gente se incorpore a estas práticas de Educação Popular, no âmbito da Universidade. Para tanto, cumpre inovar dia após dia, as formas de trabalho, de tal modo que, seja no planejamento, seja na vivência dos componentes curriculares, seja nas atividades de pesquisa e de extensão, seja ainda na capacidade de interagir com os movimentos sociais populares e outras organizações de base de nossa sociedade, vamos conseguindo imprimir ritmos promissores, nesta perspectiva, de tal sorte que, o que representava o “Trivium” Medieval (a lógica, trabalhada como instrumento do bem-pensar; a gramática, instrumento trabalhado como a arte do bem-escrever; e a retórica, instrumento para se trabalhar melhor o falar, o comunicar) e o “Quadrivium” (a aritmética, a geometria, a astronomia e a música), base-curricular dos inícios da Universidade, se convertam, no campo da Educação Popular, em novos componentes curriculares, em que a ênfase seja dada não tanto ao “bem-pensar” (a lógica), não tanto ao bem-escrever (gramática), não tanto ao discurso-rebuscado (a retórica), mas a enfatizar-se a Práxis, a Ortopraxia, a ousadia de transformar o mundo, quanto ao modo de produção, ao modo de consumo e ao modo de gestão societal, alternativos a toda sociedade de classes, e em harmonia com o planeta, de modo a tomar estas balizas como fundamento teórico-prático da atuação da Educação Popular e da Extensão Popular.

Importa, não menos, ter presente que estes esforços devem ser compartilhados para além de cada país, para além da América Latina, sempre em conexão com outros tantos movimentos e iniciativas similares que se dão no mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

CALADO, Alder Júlio Ferreira. Capítulo I. In: Educação popular: autoras e autores da Paraíba [recurso eletrônico] / Organizadores: OLIVEIRA, Ailza de Freitas [et al.]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. (Coleção Saberes em Educação Popular; v.1).

CALADO, A.J.F. Educação Popular como processo humanizador: quais protagonistas? In: Educação popular: autoras e autores da Paraíba [recurso eletrônico] / Organizadores: OLIVEIRA, Ailza de Freitas [et al.]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. (Coleção Saberes em Educação Popular; v.1).

HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO POPULAR E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: APRENDENDO COM A MEMÓRIA DE CANUDOS

Luiz Gonzaga Gonçalves

Como ainda há muita névoa em torno dos efeitos da pandemia e dos retrocessos civilizatórios, optei por ir ao passado para tentar situar o presente e as demandas do futuro. Espero ter acertado nesta escolha. Quem teve a oportunidade de me ouvir neste ano de 2021 viu que tenho feito esse recuo com frequência. Hoje, não será diferente. Não é possível saber ainda quanto tempo será necessário para entender os deslocamentos que emergiram no país com as crises que foram produzidas nos últimos anos, nas tentativas violentas de recomposição do poder político e econômico de certos grupos hegemônicos. Somam-se a isso, os impactos gerados pela pandemia do Coronavírus e todas as situações de risco que ganharam vulto, inclusive pelo tipo das escolhas que os poderes, executivo, legislativo e judiciário, assumiram, muitas vezes, mais como jogos de poder do que de serviço democrático transparente.

Vamos aos fatos, em 1988 eu morava em Remanso, no sertão da Bahia, de lá, recebemos um convite especial. Era para iniciarmos um programa de educação popular e de educação de adultos em Canudos, Bahia, a pedido da equipe da pastoral local. As comunidades eclesiais de base de Canudos estavam fortalecidas e as irmãs francesas que trabalhavam no município estavam já há alguns anos tocando um importante trabalho social ali. O sentido que elas queriam era o de ativar a memória, na época quase centenária, de luta e de força comunitária que um dia brotaram sob a liderança de Antônio Conselheiro e de seus acompanhantes mais próximos.

Estávamos naquele ano, naquela altura do calendário, há 91 anos do fim daquela guerra inglória para o exército brasileiro, que alguns historiadores a consideram, talvez, como a maior guerra civil camponesa do século XIX. Aquela tragédia, aquela guerra de extermínio, se tornou possível pela intolerância dos poderes constituídos, de costas para o interior do país e de suas demandas mais importantes, pela incapacidade de diálogo e respeito às diferenças, pela violência estrutural contra a não subordinação proveniente dos desassistidos sociais, dos aventureiros que tentavam criar os caminhos de suas crenças e formas de vida, de trabalho e de repouso com alguma autonomia.

Os coronéis da região daquele tempo tinham particular interesse pelo conflito armado, pelo fim daquela experiência de auto-organização popular. Canudos cresceu, ganhou importância, era a segunda maior cidade da Bahia, com cerca de 25 mil habitantes, de sorte que os empobrecidos seguiam para lá em busca de trabalho, vida simples e devoção. Com isso, estava ficando escassa a mão de obra mal paga a serviço dos latifundiários.

Vejam que para nós tinha algo de solene e inquietante em prestar serviço naquele espaço histórico, sendo que, apesar dos escassos recursos, de infraestrutura e modesta formação escolar dos educadores para a área rural, era uma oportunidade rica de animação cultural e descoberta de novos educadoras e educadores locais.

De qualquer maneira, penetrar naquele universo de Canudos, naquela paisagem agreste, pedregosa, ensolarada e árida, com chances de conhecer as expressões culturais dos remanescentes daquela terra de sacrifícios e de entrega heroica era um considerável desafio, uma emoção permanente.²⁴

Estávamos, então, no estágio inicial da capacitação de educadores e educadoras de jovens e adultos. Para mim era e é a parte mais fascinante do sistema Paulo Freire de alfabetização de adultos. Aquele momento especial que educadores e educadoras vão

24 Em Uauá estavam as irmãs: Marta D'Aoust, Mônica Fortier, Jaqueline Aubry. Em canudos estavam as irmãs Jacinta Bim, Delires Maria Brun, Veronica Ribeiro.

fazer a pesquisa básica de seu universo de vida. Essa coisa de começar pela investigação do contexto vital dos educandos é a prova cabal de que se tratava de uma proposta autêntica, adequada para adultos. Os candidatos e candidatas a alfabetizadores, escolhidos pelos seus pares, após um período de investigação dos temas geradores em suas comunidades, vieram apresentar os achados sobre os aspectos culturais do passado e do presente, que decidiam suas vidas e formas de sociabilidade, que apontavam para o futuro naqueles contextos rurais. Aquela etapa era para todos nós especial, uma vez que permitia àquelas pessoas alcançarem uma compreensão geral de seu contexto de vida, talvez pela primeira vez e, a partir daí, aprender a produzir e a trabalhar com um material básico, gerado por elas, para fazer acontecer o programa de alfabetização de jovens e adultos.

Dos eixos temáticos preparados com os grupos de camponeses e educadores e educadoras das comunidades, chegamos a uma grande riqueza de relatos e notícias acerca do legado cultural ali presente. Eram assuntos que retratavam costumes, modos de trabalho e de técnicas laborais, tradições religiosas, festas, cuidados com a saúde, conflitos, formas de convívio, manifestações artísticas, acontecimentos marcantes, enfim, os temas que importavam para os futuros alfabetizadores prepararem o material de apoio.

O grupo ficou empolgado ao transitar por escrito e oralmente pelas riquezas identificadas em seu universo de vida e de realizações. Mesmo assim, com o andamento das exposições dos educadores locais, a partir dessa pesquisa colaborativa, algo surpreendente e desconcertante escapava das exposições dos educadores e das educadoras. Não havia sido esboçada nas falas, nos apontamentos, que vinham das bases do espaço rural de Canudos uma única manifestação capaz de trazer à cena o antigo arraial de Belo Monte, não vinha à tona a ativação da lembrança do beato Antônio Conselheiro, da cidade velha e da cidade nova de Canudos. Nada foi dito sobre o retorno das forças armadas ao território do rio Vaza Barris para a construção do açude de Cocorobó, que deixou a velha Canudos sob as águas. Nada

foi considerado sobre a construção da nova Canudos, uma vez que o açude do Cocorobó foi concluído em 1969. Era impressionante e perturbador o que estava acontecendo naquele momento de apresentação da pesquisa, quando se revelava uma face da vida daquelas comunidades rurais!

Era como se os anos de trabalho de base da pastoral popular, no sentido de valorizar e atualizar a memória de Canudos tivessem ficado em suspenso durante o nosso trabalho de investigação temática. Por outro lado, o apagão da memória de toda a equipe local da pesquisa popular evidenciava que nosso trabalho tinha sido acertado, ou seja, tinha sido respeitoso e pouco dirigido, a serviço dos educadores e educadoras transformados em pesquisadores participantes. Fiquei muito tocado pelo silêncio completo do grupo local em tudo o que dizia respeito às marcas do passado amargo da guerra de Canudos.

Como coordenador dos trabalhos de síntese dos achados daquela pesquisa de interesse político-educacional, naquele momento desconcertante, cabia a mim oferecer uma oportunidade ao grupo dos investigadores e investigadoras populares e futuros alfabetizadores, para completarem aquela que era uma ausência e tanto.

Elogiei o grupo pela riqueza dos dados que trouxeram dos seus locais de vida e ofereci a eles, a elas, uma chance para que pudessem completar alguma coisa importante que, de repente, tivesse ficado ausente dos relatos. Era duro sentir naquele instante que os efeitos danosos daquela guerra do fim do século XIX ainda produziam resultados traumáticos. As feridas que ficaram, era melhor evitá-las? Isso se impunha ali como um fato incontestável. Perguntei, provoquei uma, duas, três vezes, pacientemente. Entendi, por fim, que tinham dado por completo o inventário feito.

Diante da impossibilidade de despertar os participantes, aí tive uma segunda surpresa, desta vez, com uma pista comovente para, talvez, fazer cicatrizar as grandes feridas do passado. Então, perguntei secamente onde entravam nos relatos dos apresentadores e apresentadoras, o lugar de Belo Monte do Beato Antônio Conselheiro,

onde cabia a Canudos velha, sob as águas do açude do Cocorobó? Como ficava a Canudos nova? Onde cabiam as celebrações anuais da memória dos que defenderam Canudos com tudo o que tinham, até a sua destruição total?

Depois de um silêncio, daquele espanto provocado, um senhor já sexagenário, bastante ativo naquelas atividades de memória sobre a vida, a cultura do interior daquelas comunidades de Canudos, assim reagiu com vigor: - **“Ah! Que as barrancas do rio ia virar cuscuz e as águas do rio Vaza Barris ia virar leite.”**

Naquela hora fui eu quem acabou sacudido pelo que aquele senhor evocava. O melhor remédio para traumas profundos e coletivos é a força, é o poder reparador da utopia. Se o grupo crescia com aquelas interrogações que trouxemos, o grupo me fazia, nos fazia crescer com a espontaneidade da resposta daquela memória que veio do reservatório poderoso da sabedoria popular, dado a público por aquele senhor, Pedro era seu nome. Importava atravessar um longo terreno pedregoso para localizar a mais antiga e inquebrantável utopia!

Sem entender, sem aprender a reacender a força da utopia que move nossa gente, o trabalho de educação popular e de educação de adultos não vai ter alcance.

Sempre achei brilhante a proposta do sistema Paulo Freire de educação de adultos quando propõe essa pesquisa geral, pedagógica, capaz de apresentar aos participantes uma visão de conjunto do que move por dentro a vida, as lutas e os sonhos das pessoas.

A grande questão hoje para a educação popular é ver se no meio dos escombros da pandemia, no meio dos escombros de um poder central, com ramificações regionais e locais, que tem apenas o presente como importante e gerador de vantagens não republicanas, o que sabemos das utopias profundas dos que estão vivendo no limite de suas potencialidades humanas e sociais? Para as pessoas do campo da educação popular o que importa é descobrir as chaves do amanhã. E isso só podemos fazer com o bálsamo das nossas utopias

e dos nossos melhores sonhos e visões de conjunto dos caminhos que pretendemos construir.

Este acontecimento em Canudos foi uma das maiores lições de minha experiência como educador em contexto adulto. Ao fim, sem provocar, sem fazer aparecer a força da utopia, nosso trabalho de educação popular não será capaz de ultrapassar os limites impostos pela sombra permanente e muitas vezes invisível dos traumas, das feridas profundas que alcançam as bases sociais mais vulneráveis da nossa estrutura piramidal. O efeito da opressão truculenta de séculos parece atualizar uma desconfiança que os oprimidos levam quanto a se levantar e conquistar direitos de existir e de obter respeito por suas conquistas. Os condicionamentos que pesam em suas opções políticas recentes nem sempre apresentam as riquezas humanas e sociais que importa desobstruir.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, LUIZ GONZAGA; MENEZES, G. A. . 'Virtudes do educador ou educadora' seguido de 'Professor Paulo Freire fala no semeando a verdade'. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, v. 8, p. 02-04, 2020.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga; ZITKOSK, Jaime José. O lugar da pesquisa nos Centros Regionais de Pesquisa Educacional nos anos 1950 e 1960: revisitando experiências de educação popular a partir do paradigma indiciário. Rev. bras. Estud. pedagog., Brasília, v. 100, n. 255, p. 348-365, maio/ago. 2019.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Paradigma Indiciário: diálogo aberto na educação popular. João Pessoa: UFPB, 2009. 119p .

HORIZONTES PARA A EDUCAÇÃO POPULAR E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TERRITÓRIOS DE POSSIBILIDADES

Luiz Gomes da Silva Filho

Antes de iniciar qualquer tessitura sobre o Tema aqui proposto, que destaco, ser profundamente desafiador, quero de antemão me apresentar aos muitos e muitas participantes do Seminário Internacional Universidade e Educação Popular e do VIII Seminário de Educação Popular e Construção do Conhecimento. Meu nome é Luiz Gomes da Silva Filho, mas antes eu fui Luiz, depois fui Luiz Gomes, hoje sou Professor Luiz Gomes. Nasci no dia 09 de outubro do ano de 1986, na Cidade de Lagoa Nova, cidade serrana localizada na região do Seridó, Rio Grande do Norte, periferia do mundo. Nem sempre fui, mas hoje sou negro, me descobri dentro dos movimentos sociais e da Universidade pública.

A minha infância, como a de tantos e tantas, foi, como diz Paulo Freire (2012, p. 25) “de uma geração que cresceu em quintais”, das goiabeiras, mangueiras, cajueiros e tantas outras árvores frutíferas das quais eu e outros tantos esperávamos o sonho²⁵ dá o sinal das frutas maduras no quintal do vizinho²⁶. Caçula de seis irmãos, aprendi cedo o valor do trabalho, meu pai, um agricultor sem-terra que trabalhava de “aluguel”. Segundo Eric Wolf (1984), o trabalho de aluguel se baseia numa relação assimétrica entre camponês e o dono da terra. Cito o antropólogo austríaco, mas, a bem da verdade, eu via sempre o trator do dono da fazenda levar a metade da produção que o meu

25 Sonho Azul, pássaro típico da região nordestina que se alimenta de frutas, conhecido em partes do Pernambuco como “sonho”

26 Fragmento da música “letras negras” de autoria do cantor e compositor pernambucano Geraldo Azevedo, gravada no ano de 1992.

pai conseguia, não sabia o que era assimetria, mas desconfiava que algo ali não estava justo.

Minha mãe, por outro lado, também trabalhava de aluguel, roupa de ganho, faxina, cozinha, babá ou na agricultura. Qualquer coisa que gerasse algum dinheiro. Outra relação desigual, aprofundada ainda mais no caso dela pelos “problemas de gênero” (BUTLE, 2003). Mulher negra, quase analfabeta, como tantas, dedicou-se integralmente aos seis filhos. Foi nesse contexto que cresci e é desse contexto que ainda hoje trago as memórias coletivas (HALBWACHS, 1990) que me constituem. Ainda cedo, adquiro um gosto singular pelos estudos, sobretudo pelas ciências humanas. Entre o trabalho na agricultura e na construção civil, encontrei tempo para estudar e prestar vestibular para Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O ano era 2007 e aqui começa a minha trajetória acadêmica.

No ano de 2012 ingresso no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na Linha de Políticas Educacionais, tive como Orientadora a Professora Dr^a Rita de Cassia Cavalcanti Porto, uma pesquisadora crítica da área de Currículo e da Pedagogia de Paulo Freire que muito contribuiu com minha formação e minha pesquisa acadêmica no Mestrado, cuja dissertação intitulou-se: “Educação do Campo e Pedagogia Paulo Freire na atualidade: um olhar sobre o currículo do curso de Pedagogia da Terra da UFRN (SILVA FILHO, 2014)²⁷.”

Entre os anos de 2013 e 2014, ingressei na especialização em Educação em Direitos Humanos na UFRN, essa especialização foi coordenada pela professora Dr^a Rosália de Fátima e Silva, do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação. Os Direitos Humanos, segundo Dallari (1998) é uma abreviação dos direitos fundamentais, ou seja, é a garantia de existência.

27 O Curso de Pedagogia da Terra é uma política de Educação do Campo que se insere dentro do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), cujo objetivo era fomentar formação em nível superior para alunos oriundos de áreas de reforma agrária. Na UFRN a primeira turma de Pedagogia da Terra teve início em 2007.

O Doutorado em Educação na UFPB, se deu entre os anos de 2016 – 2018, na Linha de Educação Popular. Na ocasião fui orientado pela Professora Doutora Maria do Socorro Xavier Batista. O meu trabalho de tese intitulou-se “Por uma Educação do Campo Popular: uma análise a partir do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFERSA”. (SILVA FILHO, 2018). Defendi a tese de que a perspectiva da Educação do Campo situa-se dentro do campo da Educação Popular. O Trabalho apontou para jogos de poder e de linguagem apresentado pelos alunos do campo em relação com a Universidade.

No ano de 2014, ingressei como professor efetivo na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Campus Mossoró. Minha atuação tem ocorrido prioritariamente no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC). Aqui tenho desenvolvido o ensino, a pesquisa e a extensão. É daqui que agora falo, é daqui também que quero lhes ouvir.

Educação Popular e EJA: perspectiva civilizatória

Feita esta breve apresentação, gostaria de me deter em algumas considerações que exponho a este público tão qualificado, destacamos que o objetivo é suscitar reflexões, provocações e, quem sabe, contribuir com o crescimento da área da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quando destacamos a complexidade do tema, no início, pensamos pois, que falar de horizonte é sempre um grande desafio. Horizonte, como disse o poeta Eduardo Galeano, serve à permanência, à continuidade, à esperança. Aqui, no tema, portanto, sugere-se “esperançar” (FREIRE, 2014) a partir das perspectivas da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos, dentro de um contexto de pandemia mundial e crise civilizatória também mundial, mas, esta última, alargada em alguns pontos específicos do Globo, com destaque, infelizmente para o Brasil.

A Educação Popular é uma perspectiva educativa civilizatória, uma vez que objetiva processos educativos que, para além da instrução

formal, gera conscientização (FRIEIRE, 2016), ou seja, tomada de consciência coletiva. Nesses termos, ao falarmos de Educação Popular estamos falando de um lugar criador, território de possibilidades não determinadas, mas essencialmente de origens. Dentro desta perspectiva germinou as mais variadas possibilidades educativas. Educação do Campo, Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Educação étnico-racial e quilombola, Educação indígena e tantas outras diversidades que se encontram, e se ressignificam mutuamente em um processo permanente e renovador, cuja finalidade última é mostrar que há outras formas de viver, ensinar e aprender.

O sentido que destacamos acima, é o mesmo de Melo Neto (2015) quando afirma que uma educação é popular quando possibilita direcionamento e conscientização ao coletivo, sobretudo aqueles marcados pela exclusão. Por isso, embora Educação Popular não deve jamais ser confundida com educação para pobres, uma vez que não se destina, não se estende (de extensão) para; mas antes, é criação, é processo pedagógico, desses; ela carrega em seu cerne a inclinação aos que, grosso modo, encontram-se excluídos dos padrões de hierarquia social e econômico que vem marcando nosso tempo.

Nesse momento, faz-se necessário perguntar: qual horizonte da Educação Popular no contexto da Pandemia? Sabemos que, efetivamente as condições de vida, a solidariedade humana e a capacidade de sonhar sofreram neste período, um duro golpe, cujo impacto, em todos e em cada um, ainda é difícil de se dimensionar. Mesmo diante de um cenário confuso é importante destacar que a Educação Popular sempre esteve diante de grandes desafios, este é, deveras um dos maiores, mas é também a possibilidade de refletir sobre algumas coisas.

Inicialmente a educação hegemônica deu provas da sua incapacidade de lidar com fenômenos que saltam aos seus muros. Quando a Pandemia se tornou efetivamente um problema de proporções nacional, momento em que as atividades presenciais tiveram de ser canceladas, a educação formal mostrou-se pouco

propositiva, passou a esperar uma solução exclusivista da área médica. É claro que a medicina tem todo um capital necessário para dar as respostas que esperávamos, e deu, diga-se de passagem, mas daí esperar passivamente, sem conseguir propor alternativas para si próprio?

Então sou agora questionado: o que então a educação formal/escola deveria ter feito? Deveria ter feito não, respondo! Deveria ter efeito! Efeito no uso de máscaras. Mas não foi uma peleja para que isso acontecesse? Essas pessoas porventura não eram alfabetizadas, algumas inclusive com alto grau de escolaridade? Efeito na conscientização de que não havia tratamento precoce a base de medicamentos sem nenhuma comprovação científica. Não passaram essas pessoas pelas aulas de ciências, química e biologia? Efeito no isolamento social. Mas quantas festas e aglomerações assistimos acontecer no período mais crítico?

Depois disso, os conteúdos escolares também deveriam ter efeito. Não está escrito em todos os bons manuais de pedagogia que o papel da escola é repassar os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade às novas gerações? Não serve a escola como um baú cujo conteúdo são conhecimentos de experiências passadas para que, quando requisitado seja útil ao contexto atual? Não havia, pois, neste baú nenhuma experiência de pandemia? Respondo que sim, havia ali a gripe espanhola, como por exemplo, que, resguardado todas as diferenças de contexto, poderia ter nos servido. Mas agora eu que pergunto: qual o destaque que a escola deu para esse conteúdo, ou ainda mais, qual dentre vós lembra-se de ter visto esse conteúdo na escola? Mas não é só isso, o mais grave é: e se esse pequeno exemplo for na verdade um exemplo daquilo que ocorre em todos os conteúdos escolares? De forma muito simples, e se estivermos ensinando e aprendendo as coisas menos importantes e deixando de fora as coisas mais importantes?

Dito isto, nossa leitura afirma que a Pandemia desnudou a educação, mostrou seu caráter ainda essencialmente tradicional,

cujo princípio combina com uma sociedade também tradicional. Nesse mesmo sentido, a Pandemia também apresentou o desafio à Educação Popular: ocupar o vácuo deixado pela notória fragilidade da educação tradicional. Inserir-se no contexto das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) ressignificando e vivificando a tecnologia enquanto ferramenta educativa.

Essa é a compreensão que agora temos, um momento ímpar para a Educação Popular apresentar alternativas educacionais humanizadas e democráticas em um cenário marcado pela exclusão e pelo autoritarismo. Nada de novo, a Educação Popular sempre fez isso, mas agora é diferente, em vez de correr a margem, ela tem um potencial para fazer a disputa por dentro, mostrando o potencial criativo e a capacidade de gerar experiências e destas, processos educativos de ensino e aprendizagem.

Por uma questão puramente metodológica decidi destacar a discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos da Educação Popular. Como disse Freire (2014a, p. 33) “A Educação de Adultos é mais bem percebida quando a situamos hoje como Educação Popular”. Sabemos que ambas estão ligadas embrionariamente e permanecem intimamente ligadas por princípios e perspectivas coerentes ao horizonte maior da democratização da educação brasileira. “O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção da Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras” (FREIRE, 2014a, p.33).

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos está implicando diretamente no papel do educador e da educadora. É um momento de revisão e quem sabe rebelião contra as práticas pedagógicas descontextualizadas, contra conteúdos e materiais incongruentes com a realidade, dura, concreta e muitas vezes perversa, que aflige homens e mulheres com o desemprego e com a fome. Em tal cenário torna-se imperativo a ação pedagógica libertadora e desveladora das tramas que ensejam a vida real das pessoas. Ao mesmo tempo,

a prática pedagógica conservadora na Educação de Jovens e Adultos tornou-se um atentado ao direito humano fundamental, tornou-se ainda mais um crime contra aqueles e aquelas que pensam que nada sabem.

Desvelar a realidade, esse é o papel da Educação de Adultos progressista. Isso não é tarefa pequena. A realidade encontra-se camuflada, envolta por palavras tão significativas, como família, Deus e pátria. Não são as palavras que se tornam ruins, mas a apropriação delas por parcelas conservadoras da sociedade que pouco têm de pátria e família e nada têm de Deus. Veja, pois o tamanho da dimensão que se coloca ao Educador e a Educadora da EJA. Uma linha fina que separa um mundo midiático e narrativo de um mundo repleto de pessoas desempregadas e assoladas pela carestia, um mundo real, profundamente real, como disse Fernando Pessoa.

Para finalizar essa fala, evitando de me tornar enfadonho, gostaria de reforçar o papel da Educação Popular neste cenário de pandemia e crise nacional e global. Estamos efetivamente diante de um cenário complexo, de catástrofe mundial e perdas pessoais irreparáveis. Ao mesmo tempo, tem, a Educação uma possibilidade de reinvenção pela comprovação de suas próprias limitações. Quando me refiro à Educação, falo desta que ai está, desta que pouco conseguiu quando demandada efetivamente por um fenômeno extra classe, mostrando o reducionismo e a fragilidade de sua estrutura, que ao primeiro sinal de uma necessidade prática de uso e sobrevivência, silenciou-se e esperou... Com pouco esperar!

Por outro lado, de nada adianta nós, educadores e educadoras populares, regozijar-se ao comprovado fracasso da educação tradicional e nada poder propor. Nada apontar como possibilidade. Acredito pois, que este seja o maior papel da Educação Popular hoje. Apresentar-se, Ocupar espaços vazios, objetivar tudo que foi sonhado, praticar o sonho e sonhar com a prática. É definitivamente um novo tempo! Um passo à frente, rumo ao horizonte.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. Trad. Laurent léon schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

MELO NETO, J. F. **Educação Popular: enunciados teóricos**. João Pessoa/PB: Editora do CCTA/UFPB, 2015.

SILVA FILHO, L. G. da. **Educação do Campo e Pedagogia Paulo Freire na atualidade: um olhar sobre o currículo do curso de Pedagogia da Terra da UFRN**. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba) – João Pessoa/PB, 2014.

SILVA FILHO, L. G. da. **Por uma Educação do Campo Popular: uma análise a partir do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRSA** (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba) – João Pessoa/PB, 2018.

WOLF, E. **As guerras camponesas do século XX**. Trad. Iolanda Toledo. São Paulo: Global, 1984.

A TRANSFORMANCE¹⁹ DO BEM VIVER *Performances para transformar o fim do mundo*

Dan Baron, Cabelo Seco, Marabá



Outdoor (4,5m x 3m) trimestral do projeto Rios de Encontro, publicações dialógicas, compostas sempre de um retrato de participantes, eventos e oficinas do mês, e um poema dialógico, exposta na 'galeria do povo', frente a praquina da comunidade Cabelo Seco, Marabá, Pará.

Tenho selecionado dezenove poemas dialógicos comunitários para contextualizar e retratar o processo eco-pedagógico contínuo de doze anos de nosso Projeto *Rios de Encontro*²⁰, enraizado na

19 A *performance de transformação* baseada na alfabetização eco-cultural e consciência teatral (teatralidade de todo território íntimo-público). Ver *Colheita em Tempos de Seco*, Baron, Dan et al (Belém, 2011).

20 Rios de Encontro é o projeto principal do Instituto Transformance: Cultura & Educação, fundado em 2005 por Dan Baron e Manoela Souza. O projeto surgiu em 2009, após uma década de colaborações no Pará, convidado para acordar e preservar raízes afroindígenas adormecidas

comunidade pescadora afro-indígena de Cabelo Seco, bairro matriz de Marabá, aonde o Rio Itacaiúnas e o Rio Tocantins se encontram na região Sul e Sudeste do Pará na Amazônia Brasileira. Assim, vou abordar o tema do seminário, tanto para estimular você *vivenciar* o processo eco-pedagógico dialógico²¹ e estético que a poesia popular inspira, quanto para você ouvir as vozes humanas, em seus ambientes dialógicos, que participaram nos processos que criaram a simbologia, linguagem e performance do Bem Viver no imaginário comunitário. Os poemas documentam os desafios que os jovens performance educadoras/es enfrentaram nos processos de cultivar e defender seus direitos humanos e os direitos de seus rios, na região com a maior índice de ameaça e assassinato de ativistas ambientais no mundo.

Nesses ambientes *dialógicos*, o autoritarismo do medo da fome (e sua memória) e do julgamento intimidar do espaço comunitário que inibe intervenção libertadora começou a ser transformado através da alfabetização teatral e inter-cultural em capacidades de escutar, dialogar e intervir nos reflexos culturais de cumplicidade, para ensaiar e criar uma performance do Bem Viver. Implica a descolonização da amnésia, da memória na pele, da imaginação sequelada e do 'agrado' calado, através de dança e percussão, para possibilitar solidariedade reflexiva, cicatrização, mediação e optar em criar uma comunidade transformadora.

Encerro com uma crônica que surge da minha última colaboração com o Povo Pataxó no Monte Pascoal, Sul da Bahia, em dezembro de 2021, para celebrar os saberes dos guardiões da memória e das práticas do Bem Viver e dos Direitos da Natureza, nos povos originários do Brasil, que vem influenciando *Rios de Encontro* desde seu início. Assim, além de demonstrar a pedagogia

através de dança, percussão, vídeo e poesia. Integra a casa, a rua e a escola pública num projeto comunitário de educação libertadora que forma crianças e adolescentes que nem sabiam que moram na Amazônia e sofrem o pior ensino médio no Brasil em atores capazes de se transformar através de performance e cultivar o Bem Viver comunitário. Ver www.riosdeencontro.wordpress.com

21 Trialogue: A interação entre dois processos simultâneos: o diálogo público dinâmico no palco que emerge através da presença de dois diálogos íntimos que estão impulsionados quando duas pessoas se encontram num espaço histórico e atual de narrativas possíveis;

de Transformance acontecendo no cotidiano, destaco a ameaça genocida que os povos originários estão confrontando, foco dos protestos contra a ilegitimidade do Projeto de Lei PL490²² e seus autores.

O fato que nosso projeto *Rios de Encontro* poderia imaginar, evoluir e performar um modelo de gestão colaborativo e governança comunitária de seus nove micro-projetos²³ comunitários, co-idealizados, co-gestionados e co-mediados pelos núcleo gestor juvenil, núcleo gestor adulto e Coletivo AfroRaiz²⁴ numa das comunidades mais excluídas e violentadas no Brasil, afirma a riqueza da década anterior de colaborações eco-culturais com os movimentos sociais e com a Universidade Federal do Pará (1999-2011), que geraram quatro monumentos comunitário-nacionais²⁵, coordenados por mim e a teatro-educadora brasileira, Manoela Souza.

22 Projeto de Lei (2007) que propõe que todas as terras indígenas legalizadas após 05 de outubro 1988 (Marco Temporal) sejam anuladas. A Comissão de Constituição e Justiça aprovou em 23 de junho 2021. Caso aprovado pelo Senado, a legalização do genocídio do Brasil Indígena será legalizado. O STF do Brasil está julgando a legalidade de mudar o Marco Temporal da Constituição.

23 Os 09 micro projetos incluem: *AfroMundi Dança*; *Nem um Pingo jornalismo*; *Cine Coruja*, *Biblioteca Folhas da Vida*, *Rabetas ÁudioVisual*, *Arraia BiciRádio Solar*, *Roupas ao Vento*, *Minha Diáspora Musical*, e *Jardim Salus*. Cada micro-projeto, bicicletada pela vida, festival anual de pipa, beleza amazônica e bem viver, foi coordenado pelos jovens artistas, socializado no jornal, rádio e televisão, calendário pedagógico, vídeos no YouTube.

24 Ver o vídeo *AfroRaiz apresenta Amazônia Bem Viver*.

25 *As Castanheiras de Eldorado dos Carajás* (Pará, 1999), o *Monumento de Resistência dos Povos Indígenas do Brasil* (Bahia, 2001); o *Mosaico Terra é Vida* (Santa Catarina, 2003); e o *Livro Colheita em Tempos de Seca* e *CD Vozes do Campo* (Pará, 2011)



As 19 castanheiras mutiladas, queimadas e localizadas na forma do mapa do Brasil, criam um ambiente e palco dialógico teatral para relacionar a voz pública unida de protesto com a voz íntima diversa de cochichos e cicatrização. Hoje, o monumento acolhe o acampamento de juventude anual de formação agroecologia e Bem Viver.

Essa década foi guiada por quinze anos (1984-98) de projetos socioeducativos transformadores, coordenados pela organização *Frontline: Culture & Education* no Norte da Inglaterra e no Norte da Irlanda, e pela Rational Theatre Company no Sul do País de Gales, enraizados na cultura viva comunitária e na alfabetização teatral. Esses projetos buscavam, em diversos contextos de repressão e conflito, transformar a resistência cultural ao neocolonialismo, ao neoliberalismo emergente e à liberdade, em libertação cultural sustentável. Essa continuidade de colaboração, coordenação e experimentação metodológica inspirou prêmios nacionais do Ministério da Cultura em 2008 e 2009 para proteger a fonte do imaginário popular afro-indígena em Cabelo Seco, ameaçada pelo Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) do governo federal, na região Sul e Sudeste do Pará.



Instalação comunitária criada coletivamente em 1993 na cidade de Derry, Norte da Irlanda, dos sapatos dos desaparecidos (presos, mortos, sumidos, refugiados) nas famílias nacionalistas e Republicanas, por seus parentes. A ponte utópica de diálogo estica da comunidade católica republicana excluída de resistência até o muro defendido pelo exercito britânico colonizador que engloba os poderes de privilegio Loyalist (os fieis à Londres) da cidade de Londonderry. A escultura dialógica de esperança surgiu de cinco anos de círculos culturais de libertação, contação de histórias através de 'objetos íntimos' cotidianos, inspirados pela Pedagogia do Oprimido. (Levei na minha boca capítulos dos livros de Paulo Freire, copiados nos papeis de fumo e embalados em celofane, aos prisioneiros políticos nos H-Blocks do presídio Long Kesh, para estimular a criação de 'círculos de libertação', focalizados sobre 'resistência à liberdade'). Essas convivências pedagógicas foram 'ecologizadas' nas colaborações com MST no Brasil, a partir de 1998.

Os poemas então revelam uma narrativa rara de tantas camadas sobre 35 anos de experimentação pedagógica contínua, 'publicações dialógicas' nos diversos 'palcos' e 'folhas' da comunidade. Em Cabelo Seco, apareceram nos outdoors e minidoors na praça, ruas, paredes, escolas, orla, shoppings, cartazes, camisetas, calendários, cartões postais, distribuídos por adolescentes e jovens. Chamo eles 'publicações dialógicas' porque foram idealizadas para dialogar com a plena diversidade da comunidade sobre aprendizados reflexivos em progresso, diálogos incompletos, preocupações e desafios éticos

vivenciados dentro dos coletivos gestores, nas oficinas e nos ensaios, nas suas 380 casas, 24 esquinas e três ruas.



Três gerações da família Neves leem e refletem sobre sua vida, hoje prejudicada pela hidrelétricas no Pará. Elisângela (apontando) é integrante do núcleo adulto do projeto, e sua filha, Emmily (banhando), do núcleo juvenil. A comunidade se enxerga no outdoor como guardiões de sua cultura viva e seu imaginário e os jovens como ativistas no seu próprio projeto de libertação coletiva na busca do Bem Viver. Significativamente, esta 'galeria do povo' foi apropriado durante a pandemia por 'lideranças' para encomendar murais da comunidade sofrida.

Buscávamos (até a pandemia) publicar cada 'sacada' nova que surgia nos micro-projetos nas linguagens oral e visual sucintas e poéticas da comunidade. No entanto, os poemas não foram meras 'expressões'. O tempo todo, afirmam a libertação, questionam o autoritarismo, e valorizam o direito e coragem de questionar e liderar. Escritos a partir de conversas nas esquinas do projeto, os poemas foram revisados em diálogo permanente com os participantes e núcleos gestores, na escuta permanente dos retornos na comunidade. Também

buscavam estimular reflexão dialética (não binária), na ‘*galeria do povo*’ na praça, e nos diálogos entre amigos e intergeracionais nas cozinhas. Assim, os poemas esticaram, ressignificaram e inventaram palavras, imagens e gestos cotidianos, inspirando as reflexões dialógicas ainda mais sustentadas, na praça e nos tornés de advocacia, dos espetáculos de dança narrativa afro-amazônica da Cia AfroMundi e de dança-percussão do Coletivo AfroRaiz, e as grandes bicicletadas e pipadas comunitárias de solidariedade ecológica, para revelar e transparecer o mundo no cotidiano, e o significado do cotidiano amazônico no mundo.

Cada poema então é uma ‘ressonância magnética trialógica’ no cultivo eco-pedagógico coletivo de ativistas e comunidades de Bem Viver. Juntos, os 19 poemas compõem uma narrativa íntimo-pública que transparece a emergência contraditória, gradativa e acumulativa, de uma consciência popular comunitária, cada vez mais ‘enraizada e antenada’, de uma escolha crítica, sim, íntima e planetária, sim, porém sobretudo, ecocêntrica em vez de antropocêntrica, à tempo, no limiar entre Ecocídio e Bem Viver.

Eu e Manoela Souza celebramos as co-autoras e os co-autores desta narrativa viva: *o Coletivo Latinhas de Quintal* (2010-15): Alanes Yanca, Camylla Alves, Carol Souza, Carolayne Valente, Elisa Dias, Evany Valente, João Paulo Souza, Lorena Melissa, Matheus Sá, Pablo Diego, Rerivaldo Mendes, Rafael Varão, Sandoval Maia e Zequinha Sousa; *o Coletivo AfroRaiz* (2016-20): Camylla Alves, Elisa Dias, Emmily Aragão, Evany Valente, Katrine Neves e Rerivaldo Mendes; e as famílias da comunidade Cabelo Seco: a *Universidade Comunitária dos Rios*.

Boa leitura!



The Trial of Dedan Kimathi
(Londres, 1984), de Ngũgĩ Wa Thiong'o e Michere Mugo.

A dramatização da história reprimida e da descolonização da mente influenciaram a evolução de Transformance, mas não contemplou a descolonização da memória no corpo.

Ouro do Apartheid

Manchester, Inglaterra, 1984

*Soldado branco e assustado
Carrasco do juiz dos proprietários
Será que eles precisam arrancar o sol
E imprimir barras no seu céu suburbano
Antes que você aprenda porque sente ódio?*

*Soldado negro e assustado
Espregido contra o céu da favela
Veja as minhas marcas nas suas costas
Você me segurou respingado de sangue
Como podes viver com tal dor?*

*Irmãos, ouçam nosso grito final!
Quem é o dono dos rios, da terra e do céu?
Nossa liberdade foi comprada e vendida
Levantem-se contra o ouro do apartheid!*

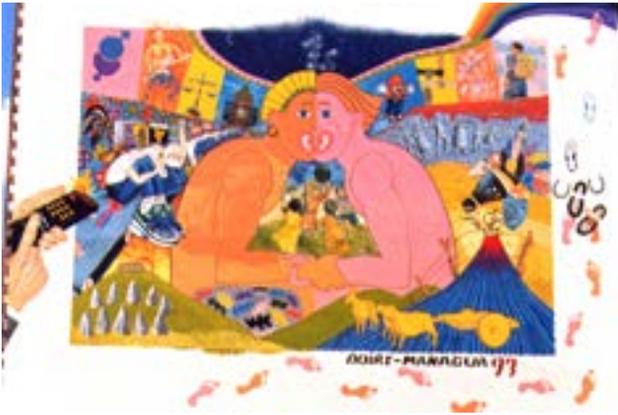
Manifesto

Derry, Irlanda do Norte, 1989

Quando as crianças são mais valorizadas
do que as bombas
e eles lêem os livros que escrevemos
Quando a justiça não se amontoa mais nas celas
nem estranhos agacham-se armados em nossas ruas
Quando possuímos nossas próprias cidades e campos
conheceremos o significado da liberdade.

Até esse momento
os gritos de nossas cidades e os gemidos de nossas terras
serão nossos cânticos de sabedoria
nossa poesia de raiva e esperança.
Até esse momento
nossos vigilantes murais e pensamentos grafitados
serão o nosso jornal de rua
nosso julgamento sem censura e arte.

Mas enquanto você dança nossas músicas
e mercantilize nossas vidas
leia nossos lábios:
Nós somos o povo da luta
A nossa é a cultura da mudança.



Mural em Derry, na Irlanda do Norte (25m x 15m), que celebra a pedagogia dialógica (bocas que escutam) do Paulo Freire, na colaboração intercultural entre o Norte global e o Sul global.

Imagina!

Derry, Irlanda do Norte, 1992

imagine um útero recusando alimentar sua criança

então ela (se) escravizava instintivamente

imagine um útero cobrando aluguel de sua criança

então ela (se) colonizava instintivamente

imagine um útero recusando tocar sua criança

então ela (se) mutilava instintivamente

imagine um útero marcando sua criança

então ela (se) machucava instintivamente

imagine um útero cegando sua criança

então ela (se) culpava instintivamente

imagine um útero ameaçando sua criança

então ela (se) censurava instintivamente

imagine um útero aterrorizando sua criança

então ela (se) intimidava instintivamente

imagine um útero encarcerando sua criança

então ela carecia instintivamente

imagine um útero se vendendo

então sua criança endividava instintivamente

imagine um útero competindo com sua criança

então ela esperava guerra instintivamente



Mural coletivo escolar criado através de rodas íntimas de contação de histórias da vida e canto por 80 jovens relaciona raízes de identidade pescadora comunitária e da natureza através da violência de capitalismo.

Lágrimas de Sangue

Florianópolis, Brasil 1998

*Olha minhas raízes
saindo da terra
como, como vou viver
quero dar frutas
quero dar sombras
preciso cuidar
da minha história*

Formação

Movimento Sem Terra, Campinas, São Paulo, 1999

Durante o curso nacional de formação de militantes
Eu assisti um jovem negro cheio de esperança
lutando contra si mesmo
sendo julgado por sua brigada por ter comido
após a hora de silêncio.

Por que ele violou o acordo coletivo e buscou de pão
quando ele não estava com fome?

Estudei seus companheiros como eles o avaliaram
com certeza irada
em nome da solidariedade e do futuro.

Por que as pessoas que sofreram tantas injustiças e privações
se tornam opressores involuntários?

Eu estudei outro jovem engolindo a humilhação pública
por ter, sem saber, confundido a palavra *intuição* com *instituição*.

Por que ele foi orientado a se dedicar novamente
ao estudo de Lenin
e não perguntou: o que é *intuição*?

Podemos transformar as histórias inscritas em nossos corpos?

lixo

Porto Alegre, Brasil, 2005

ela me achou largado numa esquina da cidade
manchado, amarfanhado, anestesiado
debaixo de um cartaz sorridente anunciando a escolha global
e cansada e doída
de puxar a carreta cheia de papelão bem dobrado
de sacolas e caixotes ordenados
tudo tão bem-arrumado como a cozinha dela
e seu jardim de temperos
com os tornozelos inchados
as veias endurecidas de arrastar as solas dos pés
por séculos de terra não-reformada
e direitos indígenas aterrados
ela apoiou sua colheita dos excessos contra a sarjeta
despiu as rédeas
e curvando
com seus negros olhos questionadores
me abraçou junto ao seu peito trêmulo
junto às lágrimas salgadas
por danças ancestrais e ritmos rompidos
abrindo e enxaguando meus olhos inchados
ergueu-me até seu depósito periclitante
entre uma cadeira sem pernas e um violão sem cordas
chaves perdidas e descartados dicionários
para acompanhar sua caminhada pela noite
dos restaurantes metropolitanos aos morros da periferia
para o sul, para casa
até ser cuidadosamente lido
e colocado com calma
ao raiar do sol
dentro de uma comunidade de sonhos ainda coletivos
para ser transformado em um outro mundo

Tempo emprestado

Alter do Chão, Pará, 2011

Deslizamos com alívio para suas águas mornas
e finalmente, viramos nossas costas
para o horizonte apavorado.
Suas correntes lavaram nossos pés cansados
em sabedoria ancestral, massageando
dores de uma década ferida por violência global.
Sua praia sinuosa nos acalmou e levou ao bar
de um pescador que cantou para nós com amor :

*Merecem sim, esse pescada fresco com gelada
nessa lagoinha radiante acolhedora.
Mas se cuidam: embaixo das pegadas de seu sonho
a aquífera do mundo está sendo envenenada
por uma utopia cega que devora florestas e cuspa
civilizações em nome de luz para todos...*

Poemas de Rios de Encontro, Cabelo Seco, Pará



consciência negra 2012

gente
 quem apagou minha memória
 e me cercou com vergonha
 quem alisou meu cabelo seco
 me chamou *francisco coelho*
 por que sempre sorrio *sim*
 quando quero afirmar *não*

nessa semana meus irmãos
 vamos jogar nossa lança
 à vida dos nossos rios
 cantar nossas raízes
 e celebrar nossa beleza
 afro-amazônica

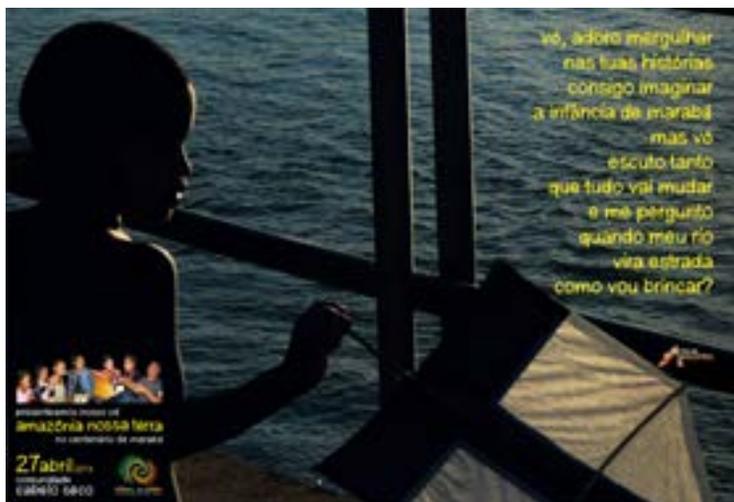
cabelo seco 2012

todo sábado
 vou para a casa dos rios
 entro numa roda
 escuto contos
 brinco com cores
 e sem chicote
 canto dançando
 me abrindo
 com cuidado
 para me ler
 e reconhecer
 minhas histórias
 e ao pôr do sol
 bem aí
 pego um lápis
 que não me julgue
 nem me corte
 ou derrube
 minha calma
 e invento
 sem medo
 o primeiro gibi
 com folhas da vida
 afro-amazônicas



dia da criança 2013

vó, adoro mergulhar
nas tuas histórias
consigo imaginar
a infância de marabá
mas vó
escuto tanto
que tudo vai mudar
e me pergunto
quando meu rio
vira estrada
como vou brincar?





que amazônia vai nos sustentar? 2013

de tanta festa, quase não percebi
o futuro já acontecendo
bem aí, amor, na nossa frente
cercando nossas casas
a vigiando nossas pracinhas
mas amor, quando ouvi os gigantes
na boca de nossos rios
tocando nossos tambores
melados de açaí, caiu a ficha!
estão se enraizando em nossa cultura
e minerando nossos sonhos
para industrializar e roubar a amazônia!
vamos resgatar o futuro, amor
e jogar a lança pelo rio tocantins!

bicicletada pelas águas 2013

na primeira pedalada, pela paz
 levei meu irmão assassinado
 e voando na beira do tocantins
 encontramos a beleza amazônica

na segunda, pela vida
 levei minha prima no colo
 e apitando juntos sem medo
 encontramos o rumo à liberdade

nessa terceira, pelas águas
 vou te levar, mãe, até o amapá e
 criando nossa universidade dos rios
 vamos renascer nosso itacaiúnas!

bicicletada pelas águas

na primeira pedalada, pela paz
 levei meu irmão assassinado
 e voando na beira do tocantins
 encontramos a beleza amazônica

na segunda, pela vida
 levei minha prima no colo
 e apitando juntos sem medo
 encontramos o rumo à liberdade

nessa terceira, pelas águas
 vou te levar, mãe, até o amapá e
 criando nossa universidade dos rios
 vamos renascer nosso itacaiúnas!

bicicletada

08h
 sábado
 31 agosto

Cursos Populares de Educação Cultural

Associação de Mulheres

www.centro.warpress.com



sabedoria 2013

crio uma pipa
 e vejo teu cuidado, mãe
 em minhas mãos
 cortando e costurando
 minhas roupas
 amarro as tiras da rabada
 e vejo tua sabedoria, pai
 na dança de teus dedos
 tecendo redes
 na sombra da pracinha

empino meus sonhos
 sua corda vibrando
 com tanta história e desejo
 e mesmo calado
 reprovado e condenado
 leio o futuro nos ventos
 e escrevo
 a ética dos rios
 no vermelho céu sedento
 para desmentir
 os valores dos gigantes
 e segurar
 minha vida em minha casa





segurança 2014

mesmo que não tem mais peixe
vou segurar a canoa de meu vó
seus bancos de taúba
guardam a curva de meu aprendizado
no seu colo de como ler os rios
e o cheiro do tucunaré
secando no varal do quintal
da mãe gargalhando ao descobrir
meu primeiro amor de verão

aquele mundo sustenta as raízes
de minha esperança
que o assassinato das nascentes
em nome de progresso verde
vai abrir teus olhos castanhos
te encorajar pegar a rabeta
e atravessar o tocantins de novo
comigo, no pôr do sol
para defender nossa amazônia

Marabá, quando seus navios passarem
gordos de tanto ferro, boi e madeira
tua chance já terá passado!
Terás somente o tempo
para bater uma última selfie
diante um rabeta correndo
à nascente do Tocantins em chamas!

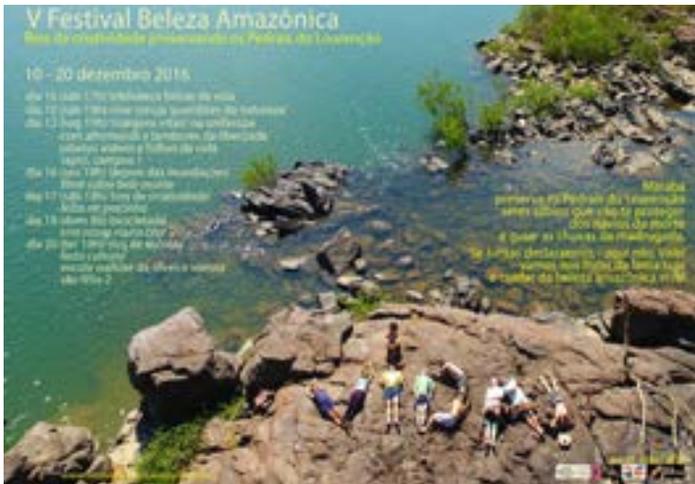
Comadre, preserve o Pedral do Lorenço
seres sábios que vão te proteger
dos navios da morte
e guiar as chuvas da madrugada.
Se juntos declararmos *aqui não, Vale!*
vamos nos livrar desta lama suja
e cuidar de nosso bem viver amazônico!



No *Lágrimas Secas* (2014), o Rio Tocantins pega fogo e inspira empatia ecológica para advogar um futuro bem viver.



Nascente em Chamas (2015) dramatiza a Amazônia feminina para advogar o Bem Viver.





Já 2017

Quando nossas canoas retornam famintas
 transformamos nossa fome em dança
 quando nossas florestas viram pó
 transformamos nossa asma em canto
 para que quando os gigantes “verdes”
 nos mandem limpar nossos rios
 de sua ganância tóxica
 Marabá já estará revivendo

Porque na cura de cada cicatriz
 aprendemos a arte de cuidar
 no silêncio de cada agrado
 aprendemos a coragem de ousar
 e no mergulho de cada criança
 nasce um rio voador de resiliência



Saúde 2018

Toda madrugada, redes saíam de tua agulha
 uma precisa caneta branca
 tecendo sabedoria viva em uma teia de cuidado.
 Mesmo bem feitas, pescada sempre escapava
 transformando nossos barcos em festas fluviais.

E de repente, o sol esqueci aa de nascer, juro!
 Na escuridão, respiramos tantas cinzas
 Marabá adoeceu, ficou cega, perdeu sua voz
 e nossas canoas voltaram famintas.
 Baixou a poeira, mas nunca mais ficou igual.

Hoje no shopping, vejo a canoa extinta de meu pai
 embelezando a propaganda 'Marabá, o futuro'.
 Nosso Rio Tocantins, parcelado em mandatos
 virou agrado por um sonho inoxidável.
 Sinto-me traído, abalado pela gritaria popular!

Procuro qualquer memória que possa iluminar
este apagão que ameaça o futuro do mundo.
Já perdi anos deslizando post após post
para me aliviar da fome que me vicia
ao consumo de minha própria imaginação!

Ando tenso, impaciente, envergonhado, confuso.
Me retrata, moço, bem aqui, na frente de meu rio
uma senhora pede, folhinhas de cidreira na mão.
Minha neta quer me ligar como o povo Maori
que cicatriza seus rios, noutro lado do mundo!

A ternura da mestra me liberta de meu solidão
e de repente tambores reencontrados com amor
por jovens já criando uma rede de bem viver
começam uma batucada tão sincronizada
meu pulso acelera e minha humanidade flui!



Coletivo AfroRaiz apresenta *Rio Voador* (Marabá, Europa, 2019) que dramatiza o colapso climático, antecipando a pandemia Covid 19, e celebrando a resiliência curadora da *Amazônia*.



Monumento 500 Anos de Resistência dos Povos Indígenas do Brasil, Monte Pascoal, Bahia (2000-01). O jardim medicinal de cicatrização no interior está protegido pelos arcos 'preparados' nos limites do palco circular do toré e formação, a cabeça de um maracá. Hoje, uma muda de árvore Pau Brasil, plantada em 2021 e nutrida pela presença dos ancestrais, é o sexto arco, verde, maior dos arcos de pedra. Ele ameaça derrubar o monumento original...!

Mel

Monte Pascoal, Bahia, 2021

Braga desliga seu celular, puxa a cortina frágil de lado que separa seu quarto da sala, encosta a mochila emprestada na porta e entra na sala assombrada, cantando:

Sou índio valente da mata

Ele tenta se livrar do delírio das bombas de gás e conselhos da noite inteira no seu travesseiro:

Sou índio valente da mata

Desliza a tábua e olha pela janela, acariciando a pracinha da aldeia com seu olhar protetor:

Minha lança é forte, ela bate e fura...

Vejo Braga, vinte anos antes, olhos sorridentes, cantando a mesma música no toré circular de noite, tecendo unidade no ritual de dança ao redor do jardim medicinal protegido pelos cinco arcos de cordas invisíveis. Ouço a mesma voz, ecoando na floresta, cantando a narrativa emergente dos dois mil Pataxós construindo o monumento *500 Anos de Resistência dos Povos Indígenas* do Brasil. Aquela voz íntima, coletiva, lúdica e lúcida, que cultivou e ainda cultiva laços de confiança e amizade entre nós até hoje, que entende e celebra o poder transformador da imaginação enraizada e voadora, livre, ousada e engajada.

Nossos olhos se encontram. Em uma fração de um segundo, re-vivenciamos os 19 de agostos que convivemos: dançando a inauguração do Monumento em 2001; lendo sua narrativa num livro pela luz dançante de vela em 2004; e hoje, celebrando a restauração do quinto arco, derrubado por um Ipê que presenciou a chegada das caravelas de confusão, reerguido por uma nova geração de ativistas Patxôhã-falante. Braga sorri e nossos olhos se abraçam.

*Quando me aborrece, ninguém me segura
ninguém me segura, ninguém me segura...*

Guardo meu colchão e volto ao lado dele. Perfumes de jaca, manga, sapucaia e cupuaçu nos acalmam e uma à capela de ecos de macaco branco, arataca, arara e papagaio saudando, namorando e dialogando, nos encanta. Braga pega seu cocar, colares, tanga e lança penduradas na parede de barro e entramos no santuário da cozinha e seu quintal.

Maria já está dobrada ao lado de sua janelinha separando feijão na luz suave da madrugada, cinqüenta anos de luta invisível

endurecidos na curvatura de sua coluna, silencioso testemunho preso na sua vergonha analfabeta. Ela gesticula com uma olhadela abrupta para o café fraco e macaxeira cozida na mesa, fruto de gota após gota de água guardadas para sustentar a retomada diária da família.

Como aguentam tanta seca?, pergunto.

Coloco um dedo de café em cada copo, mas Braga já está no Senado em Brasília, vivendo seu destino.

Com pés enraizados em cinco séculos de resistência, corpo alinhado por sua lança de jacarandá, peito brilhando de sementes vermelhas de Pau Brasil e olhar afiado por milênios de ciência, ele convoca os espíritos no seu cocar e encara cada senador e cada juiz na sua frente:

Sou irmão, companheiro, pai e avô, Guaru Pataxó, filho do cacique Manoel Santana Pataxó, cacique da aldeia Pé do Monte, ouvinte e guardião, da floresta, nascentes e crias do Monte Pascoal. Quando vocês têm de arrancar séculos de ouro, dos próprios dentes de sua ganância pra comprar um prato simples de arroz e feijão, e ser encarcerados pelo crime de ecocídio pra conseguir um gole de água ou de ar puro, será tarde demais. Seus próprios netos nascerão já refugiados do horizonte em chamas...

Braga treme, fúria apertando sua voz...

Aprovam o PL 490, e vossos senhores vão provocar o mundo originário jogar a lança pela vida!

Ele senta num caixote, pega café e abre seu celular. Maria abaixa e pega um feijão caído no chão. De repente, um clip vibra a cozinha com milhares de maracás, vozes e pés!

Minha lança é forte, ela bate e fura...

Eu me arrisco...

Amigo, que ação transformadora vocês vão levar para Brasília?

Braga pausa o ritual em Brasília. Sigo uma intuição:

Como vocês acolheram os Portugueses? Em 1500?

Ele descansa a xícara na mesa. Maria inclina a cabeça.
Silêncio.

*Com mel, resgata Braga, finalmente, visualizando, distante.
De abelha sem ferrão, completa Maria...*

Surge uma proposta:

Amigo, como abrir a imaginação dos senadores e juízes? A grande maioria é preconceituosa, comprada, esperando caciques com sangue no olho, lança na boca e faixas de acusação no coração? Sabem que o Brasil tem medo. O povo ainda acha que floresta é 'coisa de índio'. Cara, por que não retomar a generosidade originária? Por que não levar potinhos de mel de abelha nativa sem ferrão? Um para cada senador e cada juiz?

Faço uma pausa.

Um ritual de convite a plantar? Vai desarmar a mídia, tocar o povo, encantar o mundo...

Os olhos do cacique estreitam. Enchem. Ele olha pela janela. Um sorriso aparece nos cantos do olhos da mulher curvada. Braga se levanta e volta à sala.

Ele abre a cortina frágil...



Performance educadoras do Coletivo AfroRaiz passam casa em casa em Cabelo Seco para distribuir mudas de plantas medicinais do Jardim Salus como parte de um diálogo contínuo com sua comunidade e processo pedagógico libertador da transformação da saúde precária de suas famílias.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

AFRORAIZ APRESENTA AMAZONIA BEM VIVER, 2019, youtu.be/eXEFp-8-nTfM

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. The Dialogic Imagination. Texas: Texas University Press, 1983.

BARON, Dan. Alfabetização Cultural, São Paulo, Alfarrábio, 2004.

BARON, Dan e VOZES DO CAMPO. Colheita em Tempos de Seca, 2011, Transformance, 2011.

BARON, Dan e SOUZA, M. As Castanheiras Lembram, 2021, youtu.be/1px-Q8EXsF80

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver, Elefante, São Paulo, 2015.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Civilização Brasileira, 1979.

FROMM, Erich. O Medo da Liberdade. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Medo e Ousadia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o Mundo, Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

LÁGRIMAS SECAS, Cia AfroMundi, 2014, <https://youtu.be/rNOdUpGRcuM>

NASCENTE EM CHAMAS, Cia AfroMundi, 2016, <https://youtu.be/AvWI-wQWh-wo>

RIO VOADOR, Coletivo AfroRaiz, 2019, <https://youtu.be/Dm2-rsgNQ98>



SOBRE OS ORGANIZADORES E A ORGANIZADORA

FELIPE MARQUES DA SILVA

é discente de Fisioterapia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Extensionista do projeto Práticas de Educação Popular integradas a Pesquisa e a Construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis.

VOLMIR JOSÉ BRUTSCHER

possui graduação em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier e Universidade de Passo Fundo (1997), mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2017) e Licenciatura em Pedagogia (2017). É professor da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte, atuando em ensino, pesquisa e extensão, trabalhando com os componentes Fundamentos Filosóficos da Educação, Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo e Estágio Supervisionado. Também atua como professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UPE), com ênfase em Educação Popular e Movimentos Sociais. É integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais, Sujeitos, Docência e Currículo (POSDOC) e do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (Extelar).

LUCICLÉA TEIXEIRA LINS

possui doutorado em Educação (2013) pelo Programa de Pós-graduação em Educação- PPGE/UFPB, com tese defendida sobre a autogestão em assentamentos rurais. Mestra em educação (2006) e especialista em direitos humanos (2003) pela mesma universidade. Possui graduação em história pela FFPG/ UPE (2000) e em pedagogia pela UFPB (2016). Já atuou como professora de educação básica, foi assessora da REMAR - Rede Margarida, fez parte da coordenação da Incubadora de Empreendimentos Solidários - Incubes/UPPB - 2007-2009. Também realizou trabalho de

tutoria na UAB/UFPB no curso de licenciatura em matemática. Atualmente é professora da UFPB, campus III, Bananeiras - Pb, atuando nos cursos de pedagogia, agroecologia e ciências agrárias. Foi coordenadora do curso de licenciatura em pedagogia do CCHSA-UFPB. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, movimentos sociais, extensão popular, direitos humanos e economia solidária.

PEDRO JOSÉ SANTOS CARNEIRO CRUZ

é Professor Adjunto do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação da UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFPB. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (2015), linha Educação Popular, da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular - EXTELAR (CNPq/UFPB). É membro associado da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), onde é membro do Grupo Temático (GT) de Educação Popular em Saúde. Graduado em Nutrição pela Universidade Federal da Paraíba (2007) e Mestre em Educação (2010), linha Educação Popular, pela UFPB. A ênfase de sua atuação se dá nas áreas de Saúde Coletiva, Educação Popular em Saúde, Formação em Saúde, Formação Universitária, Educação Popular, Atenção Primária em Saúde, Extensão Universitária, Pesquisa Social, Nutrição em Saúde Pública e trabalho interdisciplinar. Trabalha na Coordenação do Programa de Extensão “Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica - PINAB” do DPS/CCM e DN/CCS da UFPB. É Membro do Conselho Deliberativo da ABRASCO (2021-2024).

ANDREIA SOARES ARAÚJO

Discente do curso de Bacharelado em Fisioterapia pela Universidade Federal da Paraíba; Extensionista do projeto Educação Popular, Formação e Produção de conhecimentos para potencializar a Extensão, a participação cidadã, o trabalho social e a ação comunitária nos territórios.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

ALDER JÚLIO FERREIRA CALADO

é Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1972), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1979) e Doutorado em Anthropologie et Sociologie du Politique - Université de Paris VIII (1991). Até 1999, atuou no PPGE, no PPGS e no PPSS (todos da UFPB), como docente e orientador. Acompanha a trajetória de Movimentos Sociais no Nordeste, desde meados dos anos 60. Nos últimos anos, vem se dedicando a pesquisas sobre saberes alternativos à sociabilidade dominante.

MARIA TERESA ESTEBAN

possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (1983), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1992), doutorado em Filosofía y Ciencias de La Educación pela Universidade de Santiago de Compostela (1997) e Pós-Doutorado na Universidad Nacional Autónoma de México (2006) e na Universidade do Minho (2007). Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, no período compreendido entre os anos 2004 e 2006, e Coordenadora do GT Educação Popular da ANPEd, no biênio 2008/2010. Atualmente é Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, atuando na Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós Graduação em Educação, nos cursos de Mestrado e Doutorado. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Avaliação da Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação, cotidiano escolar, formação docente e educação popular.

LUÍZ GONZAGA GONÇALVES

possui graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Paraíba (1977), graduação em Educação pela Universidade do Vale do Paraíba (1977), mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2003). Pós-doutor em Educação pela UNISINOS (2011) e pela UFRGS (2018). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, Educação Popular, educação de jovens e adultos. Atualmente está em situação de aposentadoria.

LUIZ GOMES DA SILVA FILHO

é professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). É Graduado em Pedagogia pela UFRN (2012); Especialista em Educação em Direitos Humanos pela UFRN (2015). Mestre em Educação pela UFPB (2014). Doutor em Educação Pela UFPB (2018) Professor do Magistério Superior da UFERSA. Tem como áreas de Interesse: Educação, Pedagogia Paulo Freire, Educação do campo, movimentos sociais, Direitos Humanos e Educação para as relações étnico-racial.

DAN BARON

é professor da Universidade Comunitária dos Rios, Cabelo Seco, Marabá. É arteducador popular, escritor, artista plástico e coordenador artísticopedagógico do Projeto Rios de Encontro da Universidade Comunitária dos Rios. Presidente da Aliança Mundial pela Arteducação entre 2006-2010, vem co-cultivando sua pedagogia de Transformance no Brasil desde 1998. Mora em Cabelo Seco, Marabá-PA, Amazônia, desde 2009.

ANEXOS



**Seminário Internacional
Universidade e Educação Popular**

VIII Seminário de Educação Popular e Construção do Conhecimento

17 e 18 de novembro de 2021

Realização

Apoio

 **Sextelar**
Grupo de Pesquisa em Educação Popular

 **PPGE**
UFPB

PPGSC
UFPB

 **UPE** 30
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

 **UNU**
UNIVERSITY NETWORK
OF UNIVERSITIES
AND
COLLEGES

 **UFPB**

 **NUPLAR**
Núcleo de Estudos em Políticas da Linguagem e da Escrita

Seminário Internacional Universidade e Educação Popular

VIII Seminário de Educação Popular e Construção do Conhecimento



Conheça os Convidados e Convidadas
Confirmados(as)

Evento online
17 e 18 de novembro de 2021



Alder Calado



Conceição Palhado



Dan Baron



Fabio Dezerra



Helene Lapierre



Jorge Carrors



Lola Cerdas



Luiz Gomes



Luiz Gonzaga



Maria Teresa Esteban



Olgamir Amancia



Timothy Ireland



Waldénia Leão

Realização:



Apoio:



Programação:

Dia I - (17/11)

9h-12h; Minicurso:

Diálogos entre Bem Viver, Educação Popular e os Direitos Humanos e da Natureza

15h - 18h; Painel I:

Horizontes para a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos: desafios atuais diante da pandemia e dos retrocessos civilizatórios.

Dia II - (18/11)

9h-11h; Conversatório:

Redes, movimentos e articulações em defesa da Educação Popular na Universidade na América Latina.

15h - 18h; Painel II:

Educação Popular na Universidade: um olhar para as conquistas e para os atuais desafios na contemporaneidade

